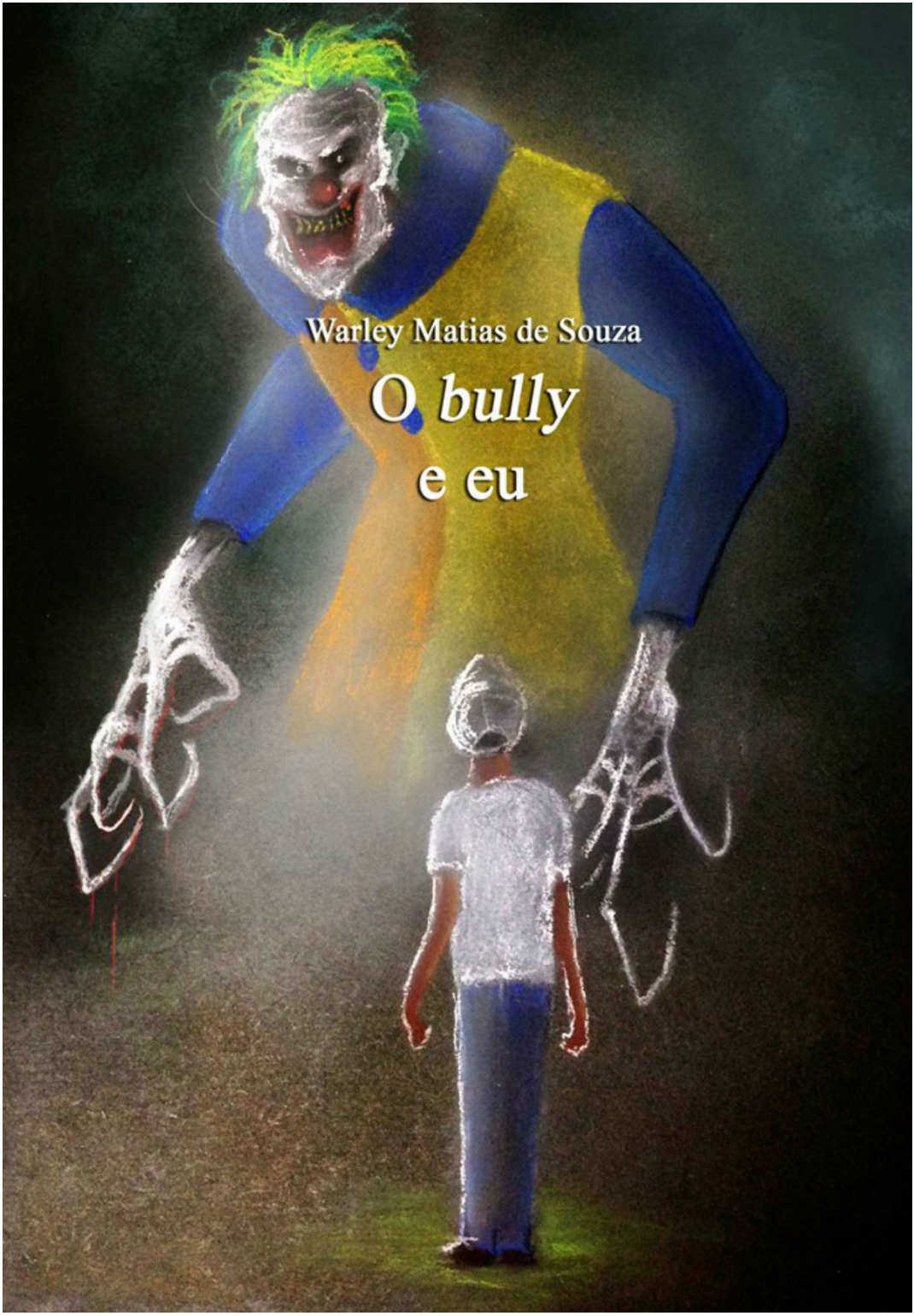
Warley Matias de Souza
O *bully*
e eu

Warley Matias de Souza

O *BULLY* E EU

2ª edição
revista pelo autor

Souza, Warley Matias de, 1974-
O *bully* e eu / Warley Matias de Souza. –
2ª ed., 2020.
ISBN 978-65-00-02098-4
1. Literatura infantojuvenil. I. Título.
CDD-028.5
O *BULLY* E EU
Copyright © 2020 WARLEY MATIAS DE SOUZA

Capa: *Gabriel Lavarini*

(Obra revista pelo autor em 2025)

Àqueles que, como eu, sobreviveram ao *bullying*. Mas também àqueles que não tiveram a mesma sorte.

E à D. Maria José, onde quer que esteja. Obrigado por desencadear meu delírio.

JOSÉ DOS INFERNOS

Depois de jantar, eu voltava para a rua para brincar até nove ou dez horas da noite. Eram outros tempos. Minha rua não conhecia asfalto, era coberta de cascalho. Durante a noite, sob a luz dos postes, viam-se pedrinhas de cascalho a brilhar. Nós preferíamos acreditar que aquilo eram valiosas pedras preciosas. Não passavam de cascalhos, mas atribuíamos a elas algum valor, um valor que só a imaginação pode compreender.

— Com esta vou comprar uma bicicleta. Quero uma vermelha, com buzina azul — disse eu para a Carol.

— Quero uma azul com buzina vermelha — disse Carol, sorrindo com aqueles seus dentes tortos, que adoravam se mostrar em um sorriso.

E cada sorriso da Carol despertava o meu sorriso. Era um daqueles sorrisos que contagiam, que fazem rir também. O sorriso da Carol era assim, uma lua cheia, um sol de verão. Seus olhos eram muito pretos. Tinha uns cabelos lisos, à altura dos ombros, e a pele morena. Tinha a mesma idade que eu. E era muito, muito magra.

— Vou te dar um presente, Carol.

E ela sorria mais e mais.

— Toma.

Eu dava-lhe uma de minhas pedrinhas brutas e preciosas.

— Osvaldo! Que pedrinha linda. Obrigada, viu?

Em frente à nossa casa, havia um campo de futebol, sem grama. Quando ventava, uma poeira

vermelha invadia as casas. Minha mãe xingava o tempo todo.

— Acabei de limpar a mesa! E olha só, tá toda cheia de poeira por causa desse campo dos infernos.

Minha mãe era alta, gorda, a pele negra, tinha pouco mais de trinta anos. Não era do tipo vaidosa ao extremo; mas trazia os cabelos sempre alisados (não tinha muita consciência étnica) e usava sempre um batom cor de terra.

— Calma, mãe — eu dizia, rindo-me todo, pois eu achava muito engraçado quando ela gritava aquele “dos infernos”.

Meu pai, ironicamente, afirmava que nenhuma senhora “recatada” dizia “dos infernos”. Pois minha mãe não tinha nada de recatada. Aliás, ela só estava reclamando da poeira na mesa porque ia jogar truco com meu pai e seus amigos. Ela adorava esse jogo, gritava alucinada aquele “Seis!”, que eu até hoje não sei o significado. E como os olhos dela brilhavam quando ela gritava: “Truco!”. E os amigos do meu pai deliravam porque “essa mulher do Alipão é bacana demais”.

Minha mãe tinha uma moto muito velha, ela empurrava mais a moto do que a moto empurrava ela, se é que me entendem.

— Que joça! Sucata! Moto dos infernos! — gritava minha mãe, no meio da rua, todo mundo olhando, e eu dando gargalhadas, porque aquilo tudo era muito engraçado.

Eu tinha o riso solto naquela época. Ria de tudo, chorava de tanto rir. E quando estava com a

Carol então, nossa, a gente ria o tempo todo, de tudo e de todos. Era um riso que era fácil de começar mas muito difícil de terminar, aquele riso que contagia. Se começava por mim, a Carol logo disparava também. Se começava pela Carol, eu não podia evitar. Eu ficava sem fôlego, minha barriga doendo, de tanto que eu ria. Na escola, os professores não deixavam a gente se sentar perto um do outro, porque senão a gente acabava com a aula, a gente começava a rir, e toda a sala disparava também.

Todo final de semestre, D. Zezé, a professora de Português, organizava apresentações teatrais na escola.

— Fessora, eles vão rir na hora, fessora — diziam os outros alunos.

Mas D. Zezé era assim fabulosa, ela entendia tudo o que acontecia com a gente.

— Não, na hora eles não vão rir.

Era rechonchuda. Os seus cabelos, sempre muito curtos, eram lisos. Tinha a pele morena e uns olhos escuros, inquietos. E uma boca que mais parecia uma flor. Tinha um sotaque nordestino e um pensamento veloz.

— Isso é a alegria da juventude — ela dizia. — Mas um dia vai passar.

E quando chegou a apresentação, ficamos muito sérios e compenetrados, queríamos fazer direito. A Carol recitou o poema do Drummond. Ela olhava para mim e dizia: “E agora, José?”. E eu, que vergonha!, fingia ser o tal do José. Mudo, fazia uma cara tipo “E eu sei lá!”, enquanto andava a passos

lentos de um lado para o outro. Nossa, que vergonha. Eu era tímido demais e só aceitara fazer aquele papel porque eu gostava muito da D. Zezé, ela havia me apresentado os livros, a literatura, ela havia aberto para mim as portas para o mundo. E, por causa dela, eu estava ali, pagando aquele mico, que, na época, nem mico era, havia outras gírias de que nem me lembro mais.

Minha mãe estava lá. Chegara atrasada, pois tivera de empurrar a moto. Mas chegara a tempo de me ver atuando. E enquanto todos aplaudiam sem muito entusiasmo, ela gritou, no meio daqueles pais com as cabeças em outro mundo, um mundo de problemas, ela gritou:

— Puxa vida! Que José dos infernos!

Todo mundo olhou para ela assim meio de lado, recriminando. Mas vi seu rosto de olhos brilhantes e sorri, porque, naquele caso, “dos infernos” era algo muito bom. Eu era um José dos infernos, um José dos infernos! Olhei para a Carol, e ela me sorriu com aqueles dentes todos, enquanto levantava os ombros. Começou o descontrole de nossas risadas sem freio. Rolando de rir, saímos do palco, “dois bobos alegres”, como dizia o meu pai.

Meu pai, sempre com uma ruga na testa, os óculos na ponta do nariz, as contas na ponta do lápis. Controlando todos os gastos. Era branquinho, baixinho e magrinho o meu pai. Mas de uma força de caráter que o transformava em um gigante. Tinha quarenta anos. Meio calvo, os poucos cabelos finos e lisos, uns olhos verdes e um semblante muito sério. Mas, às vezes, para descontrair, ele

brincava: “Que dívida dos infernos!”. E sorria grande, os cantos da boca iam até as orelhas. E olhava para mim, aquele sorriso grande, eu sorrindo grande para ele também. Ele gostava de me ver sorrindo, gostava da minha alegria.

Quando saíamos juntos aos domingos, ninguém acreditava que ele era meu pai; pois eu sou negro e tenho cabelos crespos. Mas aí ele mostrava os meus olhos verdes como os dele, dizia que eu era tão magricela quanto ele e que, talvez, não crescesse tanto. Mas, alguns anos depois, eu estaria jogando basquete, todo alto e desengonçado, enquanto meu pai, orgulhoso, gritaria que eu era filho dele, que eu tinha olhos verdes como os dele; pois ele se acostumara a ter de convencer os outros de sua paternidade, a combater a ignorância das pessoas para ser admirado pelo filho que tinha e do qual se orgulhava.

O *BULLY*

Não me esquecerei daquele ano. Pois foi quando descobri que podia sobreviver ao mundo. Quando lia as revistinhas em quadrinhos americanas, os super-heróis sempre às voltas com seus arqui-inimigos, eu queria ser um super-herói. Mas, quando encontrei meu arqui-inimigo, descobri que não era tão fácil quanto eu pensava, eu não tinha superpoderes, eu era só um menino com medo de ser espancado por outro menino mais forte do que eu, de ser humilhado diante de todos. Eu era apenas um menino de doze anos, que, no final do ano anterior, estava alegre e sorridente, ensaiando para fazer uma cara de “Sei lá!” enquanto a Carol perguntava “E agora, José?”. E agora? Agora eu estava angustiado, sem saber como sair daquela situação.

Era um tempo em que os meninos resolviam seus próprios problemas, um tempo em que os adultos achavam normais essas “rivalidades” entre meninos, que achavam que assim a gente “aprendia a ser homem”. Então, como recorrer a eles? Eu não tinha ninguém para me proteger, para evitar que eu sofresse *bullying*. É verdade que, naquele tempo, essa palavra não tinha a importância que tem hoje, tudo não passava de um menino mau perseguindo um menino fraco, nada mais do que isso. Não parecia haver ninguém preocupado em estudar tal fenômeno, era como se aquilo tudo fosse um acontecimento normal na vida de um menino.

No primeiro dia de aula, ele me elegeu para ser a sua vítima favorita. Simplesmente me olhou, no intervalo, e eu soube que ali começava o meu sofrimento. Seus olhos pareciam sorrir diante de sua presa, ou seja, eu. Na fila da merenda, deu um jeito de ficar logo atrás de mim. Primeiro, pisou no meu calcanhar, tirando o meu sapato. Não reagi, fiz de conta que nada acontecera, enquanto ele ria, vendo-me andar estranho com o sapato meio fora do pé. Meus pais haviam me criado para ser o tipo de menino certinho, abominavam a violência, só que não me ensinaram como eu devia reagir diante dela, acho que eles também não sabiam. Como não reagi, ele decidiu ser mais radical e, no dia seguinte, na fila da merenda, abraçou-me por trás, num movimento obsceno, chamando-me de “amorzinho”. Desvencilhei-me, envergonhado. Os outros meninos riram. Samuel, o *bully*, adorava uma plateia. Tive vontade de chorar de vergonha, mas engoli as lágrimas e saí da fila.

Dois anos mais velho do que eu, repetente duas vezes na mesma série, preguiçoso e cruel, Samuel era mais alto do que eu e mais forte também. Tinha cabelos castanhos, cortados à moda militar, e um sorriso assustador. Uma pele leitosa e uns olhos claros, cinzentos. Não era gordo nem magro. Falava palavrão o tempo inteiro e só contava histórias obscenas.

Infelizmente, estava na minha sala. Eu já conhecia sua fama. No ano anterior, ele havia batido num menino na porta da escola. Não havia sido expulso, e o menino humilhado mudara de

escola, não suportara a vergonha e o medo. E quando, no primeiro dia de aula, vi que Samuel estava na mesma sala em que eu, senti muito medo. Acho que ele farejou o medo que eu sentia, por isso fui o seu escolhido.

— Por que você não bateu nele, Osvaldo? — perguntou Carol, indignada.

— Entre os meninos não é assim não, Carol. Vocês meninas é que adoram bater na gente; mas fazem isso porque sabem que os meninos não vão bater em vocês.

— Nós somos corajosas.

— Ah, corajosa. Vai contando que todos os meninos não batem em meninas pra ver. Um dia você encontra um que vai revidar.

— Que nada.

— Vocês meninas me tiram do sério. Fazem o que querem, e os culpados são sempre a gente.

— Olha, Osvaldo, eu nem sei por que sou sua amiga. Os meninos não são bons amigos.

— Acho que é porque a gente se conhece desde que nasceu.

Ela me deu um tapa no braço e riu.

— É mesmo, a gente é quase irmãos gêmeos.

Júlio César aproximou-se. Falávamos com ele por meio da língua de sinais. Perguntou por que eu estava daquele jeito. Contei-lhe que Samuel estava me perseguindo.

Júlio César, doze anos de idade, era baixo e gordo. Quando sorria, o sorriso dançava em seus lábios, a mesma flor que desabrochava nos lábios da mãe. A pele morena, os olhos escuros, os

cabelos pretos e cacheados. E uma agilidade nas pernas que faria inveja ao Papa-Léguas. Aliás, havíamos tentado colocar esse apelido nele, mas não pegara. Apelido é assim, pega ou não pega, sem explicação.

Ainda bem que eu era amigo do Júlio César. Quando eu estava com ele, ninguém mexia comigo, pois todos gostavam dele. O Júlio César era o meu melhor amigo, junto com minha melhor amiga Carol. Eu conhecia aqueles dois desde que éramos bebês, havíamos crescido juntos. Com o Júlio César, Carol e eu havíamos aprendido a língua de sinais, pois ele era surdo. O Júlio César aprendia e ensinava para a gente. Ele não estudava na mesma escola em que nós; mas sua mãe, a professora D. Zezé, levava-o sempre para assistir às suas aulas, era como se ele estudasse lá. Nós éramos os três mosqueteiros, amigos inseparáveis.

As meninas adoravam o Júlio César. Ele fazia sucesso com as garotas. Elas diziam que ele era lindo e sensível. Ele fazia aquela cara de coitado, tipo “Preciso de muito amor porque sou surdo”; um falso o Júlio César. Elas caíam, sempre carinhosas e apaixonadas.

— Você é muito espertinho, Júlio César — eu dizia para ele.

Ele ria e, com as mãos, dizia para eu aproveitar. Afinal, quem traduzia o Júlio César para as garotas era eu.

— Ele disse que gosta muito de você.

— Ah, é? Então diz pra ele, Osvaldo, que eu também gosto dele.

— Ele disse que a gente pode ir ao circo juntos no sábado e que você pode levar a Ana Paula.

Eu era apaixonado pela Ana Paula.

— Diz pra ele que eu vou sim. Só não sei se a Ana vai querer.

Júlio César, que conseguia ler os lábios, começou a rir de mim, pois eu estava levando um fora da Ana Paula sem mesmo falar com ela.

Todo mundo gostava do Júlio César; quer dizer, menos o Samuel, que não gostava de ninguém. Mas como todo mundo protegia o Júlio César, ele não mexia com ele.

A minha sorte era que Samuel morava longe da minha casa, a gente só se via na escola, que ficava num bairro vizinho ao meu. Eu gastava meia hora a pé até lá, enquanto Samuel, já que morava mais perto, devia gastar uns cinco minutos.

A escola passou a ser, para mim, o lugar do medo. Eu não gostava mais de ir para lá. Algumas vezes, fingi estar doente, só para faltar. Eu tinha muito medo. Mas não contava para ninguém o que estava acontecendo. Quer dizer, a Carol e o Júlio César sabiam. Mas era como se aquele fosse um mundo só nosso, em que os adultos não podiam entrar. Eles não podiam entender o que acontecia, não podiam me ajudar. E se algum adulto interferisse, o Samuel ficaria bem irritado. E quem me protegeria? Não, era um assunto de meninos. Eu estava num beco sem saída.

— Vou pedir pra minha mãe reclamar — disse Carol.

Júlio César sacudiu levemente o braço dela, pois ela havia falado sem olhar para ele, não conseguira ler seus lábios.

— Vou pedir pra minha mãe reclamar — ela repetiu.

Júlio César, com as mãos, disse que também ia pedir para a mãe dele. Mas eu disse que não, por favor, não contassem nada a ninguém, o Samuel podia não gostar.

— Acho que vou inventar uma dor de garganta amanhã — falei.

Júlio César olhou-me de um jeito carinhoso e, com as mãos, disse que eu podia contar com ele para qualquer coisa; como, por exemplo, dar uns sopapos no Samuel.

— Não sei o que fazer — lamentei.

— Ah, logo o Samuel se esquece de você.

Eu queria que a Carol estivesse certa. Mas não estava.

A BONEQUINHA

Acho que tudo começara quando minha avó viera me beijar quando eu ainda era um bebê. A dentadura caíra, bem no meu rosto. Que nojo! Minha mãe contava que eu havia chorado muito por causa disso, que o susto fora muito grande. Não posso me lembrar, pois tinha menos de um ano de idade; mas algo dentro de mim acreditava que uma dentadura era uma ameaça. Quando eu tinha cinco anos, outro episódio: o namorado de minha avó começara a tossir e zás, lá estava uma dentadura sobre o meu pé. Eu pulara de medo e chorara muito por causa disso.

— Tenho muito medo de dentadura — disse para a Carol. — Não sei explicar, só sei que tenho. Enfrento um jacaré faminto; mas sou derrotado por uma dentadura.

Carol riu muito, aquele riso incontrolável. Porém, fiquei sério diante do riso dela.

— Não é engraçado, Carol. Para de rir.

E ela não parava.

Ouvimos, então, aquela voz rouca e cruel:

— Então a bonequinha tem medo de dente!

O riso da Carol cessou.

— Você é uma bonequinha — disse-me Samuel.

Carol pegou minha mão e puxou-me.

— Vem, Osvaldo.

Ela sabia, tanto quanto eu, que Samuel era perigoso.

— Osvaldo é uma bonequinha que tem medo de dente.

Samuel veio atrás de nós.

— Tá com medo, bonequinha?

Ele ria, um riso rouco que parecia vir das profundezas do inferno.

Eu estava com medo, muito medo mesmo. Quando Samuel pegava no pé de algum garoto, ele maltratava até cansar. E ele era incansável, ele era mau. Eu já havia visto um menino chorando, enquanto ele apertava a mão dele, com muita força, e sorria.

Carol e eu corremos para o portão da escola, que estava trancado.

— Deixa a bonequinha aí e me dá um beijo — disse ele, enquanto agarrava a Carol.

Ela resistiu; mas ele acabou beijando sua boca. E eu ali, tremendo, com muito medo, sem fazer nada, enquanto via a Carol ser forçada a beijar aquela boca nojenta. Ele soltou-a. Carol cuspiu no chão; chorava, sentia raiva dele e de mim. Olhou-me com olhos que me condenavam por minha covardia, por não tê-la defendido.

— O que tá acontecendo aqui?

Era o inspetor de alunos.

— Oi, Nival — disse Samuel, com uma liberdade de amigo. — Os dois pirralhos queriam fugir da escola. Mas não deixei.

Nival olhou-nos com seus olhos muito pequenos. Era um homenzinho muito magro, que cheirava a cigarro. Tinha cabelos secos, à altura dos ombros, os dentes amarelos, pelos escapando-se pelas ventas, uma pele morena cheia de manchas.

— O recreio acabou. Pra sala todo mundo.

Carol saiu correndo. E eu a segui, passos lentos, com vergonha. Quando olhei para trás, Nival conversava amistosamente com Samuel. Este olhou para mim e sorriu, um sorriso que ameaçava, que dava medo.

O PALHAÇO

O rosto do palhaço assusta porque parece sorrir ao mesmo tempo em que chora, além de ocultar um mistério, que muito cedo associei à crueldade. Não sei por que, eu via nos palhaços certa maldade.

O circo ergueu-se ao lado do campo de futebol. As crianças da rua ficaram alvoroçadas. Um leão e alguns macaquinhos fedorentos e tristes chegaram em suas jaulas. Alheios à sua dor, à crueldade que sofriam, nossos olhos curiosos procuravam vê-los além de qualquer sofrimento. Mas, na primeira noite, os urros do leão magro e faminto deixaram-me sem dormir. Então, senti medo e raiva, e quase nenhuma compaixão.

No dia seguinte, não resisti à vontade de ver de novo o dono daqueles urros assustadores. Caminhei, cuidadosamente, entre as barracas de lona e vi o pobre leão, magro, sujo, fedorento e enjaulado. Mas também vi um palhaço, alimentando-o com o que me pareceu ser a mão de uma pessoa. O palhaço me olhou, surpreso. Muito alto e magro, uma pele morena sob a maquiagem de palhaço. Os olhos escuros. O nariz grande, postiço, redondo e vermelho. A peruca amarela.

Corri para casa, meu coração acelerado, minha boca seca. O medo percorria todas as veias do meu corpo. Naquele circo, havia um leão faminto e um palhaço assassino. E eu sabia agora do segredo daquele palhaço. Ele não me deixaria vivo para contar a história, eu seria alimento do leão faminto.

Senti um líquido quente escorrendo pelas minhas pernas; eu estava urinando de medo.

Contei à minha mãe o que havia visto, eu precisava justificar o *short* molhado.

— Osvaldo, meu filho, você ainda não perdeu o medo de palhaços? Tudo começou quando você era um bebezinho assim bem pequenininho e te levei a um circo. Você chorou tanto quando um palhaço se aproximou da gente, que fiquei até com vergonha. Mas não invente histórias, meu filho, pra justificar o medo que você não consegue entender.

E eu pensei com meus botões: “Não se pode mesmo confiar em gente grande”.

Eu precisava contar para a Carol. Ela acreditaria em mim, me ajudaria a investigar aquele palhaço. Seríamos nós contra ele e contra um leão. Um palhaço assassino e um leão faminto. Mas pobrezinho do leão, ele não tinha culpa, ele tinha fome. Já o palhaço não, o palhaço era o grande vilão da história.

AI, MEU DEUS!

O pai do Júlio César estava sumido desde o dia em que o circo chegara ao nosso bairro. Os adultos olhavam para o Júlio César com certa pena e escondiam da gente o que havia acontecido. Associar o sumiço do Seu Quin-Quin ao palhaço não foi difícil. Mas preferi não contar ao Júlio César. Como é que eu diria para ele que o palhaço dera a mão de seu pai para o leão comer? A mão e todo o resto, provavelmente.

Era noite, e o circo estava lotado por pessoas que queriam rir, de qualquer coisa, pessoas que queriam apenas esquecer seus problemas. Se o trapezista caísse no picadeiro e virasse *pizza*, elas ririam, pois estavam ali só para isso, para rir.

Meus pais nem perceberam quando saí do circo. Lá fora, eu podia ouvir minha mãe gritar:

— Que macaco dos infernos!

Era a hora certa para tentar encontrar os ossos do Seu Quin-Quin, o pai do Júlio César.

Eu já podia ver a minha foto no jornal: “Menino de doze anos bota palhaço assassino na cadeia”. Depois disso, o Samuel não teria coragem de me humilhar mais, eu seria um herói.

Havia luz dentro da barraca do palhaço. Ele provavelmente estava se preparando para o espetáculo, pensei. Percebi que havia uma pessoa com ele.

— Esse leão vai levar o circo à falência — dizia uma voz grossa de mulher. — A gente tem que conseguir mais carne pra ele.

Arregalei os olhos. Senti um frio na espinha. Eles matariam mais alguém.

— Você ouviu alguma coisa? — disse a voz de um homem. — Alguém disse “Ai, meu Deus!”.

Sem querer, eu havia dito “Ai, meu Deus!”. E eu não conseguia correr, porque minhas pernas estavam bambas. “Ai, meu Deus!”

— De novo, você ouviu?

Tampei a minha boca com as mãos.

O palhaço saiu da barraca. Nossa, meu coração gelou. Lá estava ele, a cara maquiada, e uns olhos que pareciam querer me engolir. Ele aproximou bem o rosto dele do meu rosto e pôs um dedo na boca, pedindo silêncio. “Ai, meu Deus, ai, meu Deus!” Saí correndo. Quando dei por mim, estava no meio do picadeiro. No início, ficou todo mundo calado, sem entender nada, até que minha mãe gritou:

— Sai daí, menino dos infernos.

Atrás de mim, estava um homem com uma barriga enorme. Ele abaixou-se e sussurrou ao meu ouvido:

— Sai daqui, moleque, ou te jogo pro leão.

Arregalei os olhos, e, enquanto eu gritava e corria, minhas mãos sacudiam-se no ar. E a plateia ria porque havia um menino gritando e correndo, enquanto o homem barrigudo dizia ao microfone:

— O *show* não pode parar.

Mas, lá fora, estava o palhaço. Ele fez um sinal com as mãos me chamando. De tanto medo, eu desmaiei.

Quando acordei, ouvi meu pai dizer:

— Amanhã bem cedo, vou te levar ao médico.
Que bom, não precisaria ir à escola.

O BENEFÍCIO DA DÚVIDA

Até mesmo durante o dia, o palhaço andava com cara de palhaço. Ele não tirava a maquiagem, sempre com aquela peruca amarela, uma lágrima preta em cada olho, aquele branco em torno dos olhos, a boca muito vermelha. Andava ali entre as barracas do circo, de camiseta, bermuda e sapato de palhaço. As crianças adoravam ver o palhaço no seu dia a dia de palhaço, como se debaixo daquela maquiagem não houvesse o rosto de um homem.

— Eu tenho certeza, Carol, o palhaço é um assassino.

— Você viu aquele filme, não viu?

— É sério, Carol. Eu vi o palhaço dando a mão de alguém pro leão comer.

Olhei para os lados e, em tom de segredo, falei:

— E mais, acho que sei onde foi parar o pai do Júlio César.

No início, ela não entendeu; mas depois seus olhos brilharam:

— Não! Você acha que era a mão do Seu Quin-Quin?

— E-xa-ta-men-te.

— Mas era grande e peluda? O Seu Quin-Quin parecia um bicho, um lobisomem.

— É... — Pensei. — Não, acho que não, não sei.

— Você não viu direito?

— Fiquei com muito medo.

— Talvez nem tenha visto o que pensa que viu.

— Não, Carol, tenho certeza de que era mão mesmo.

— Pode ser de outra pessoa.

— Ou então o palhaço raspou a mão do Seu Quin-Quin antes de dar pro leão comer, pra ele não se engasgar com o pelo.

Carol olhou bem nos meus olhos.

— Você tá acordado, Osvaldo? Acho que você tá delirando.

— Ah, você não acredita? Fica escondida, vou chegar mais perto. Você vai ver o que o palhaço faz.

E assim fizemos. Carol, muito mirradinha, escondia-se aqui e ali, enquanto eu me aproximava. Ao perceber a minha aproximação, o palhaço parou, olhou na minha direção, depois foi para a frente da barraca dele. Eu aproximei-me mais. Então, ele fez um gesto com a mão, chamava-me para entrar na barraca. Isso sempre acontecia quando eu me aproximava. Como das outras vezes, eu me afastei.

— Você viu? — disse eu para Carol.

— É, ele tava te chamando pra entrar na barraca dele.

— E o que acha que ele quer fazer comigo?

— Nem tudo é o que parece.

— Pois eu sei bem que o que parece muitas vezes é o que parece.

— Vamos dar a ele o benefício da dúvida.

— Por que tá falando tão difícil hoje?

— É que vi um filme ontem na televisão, esqueci o nome. Todo mundo pensava que um homem tinha cometido um monte de crimes. A imprensa o perseguia, o povo queria li-lin-linchar o

pobre coitado. Mas a advogada dele gritou pras pessoas enfurecidas no tribunal: “Vamos dar a ele o benefício da dúvida!”. Achei tão bonito, resolvi usar.

— E como foi o final? Ele era culpado mesmo?

— Não sei, eu dormi antes de acabar.

— Ah, não tem graça.

— Eu também fiquei chateada quando acordei hoje de manhã.

— Sua mãe e seu pai não sabem o final?

— Eles dormem com as galinhas. Eu tava vendo sozinha. Meu pai até brigou comigo, porque a televisão ficou ligada a noite inteira, dormi feito pedra.

— *Okay*, mas o nosso criminoso não tem nenhuma advogada.

— Mas vamos partir do pressuposto de que ele seja culpado.

— Lá vem você de novo. Isso também você aprendeu no filme?

— Hum, hum. A advogada falou isso também.

— Então...

— Se ele for mesmo um assassino, o que vamos fazer?

— A sua advogada não tem a resposta não?

— Já disse, dormi antes de acabar. Mas...

— Mas?

— Você deve entrar na toca do lobo.

— Isso também foi ela que falou?

— Não, isso é minha mãe que fala.

— Ah...

— Você precisa entrar na barraca do palhaço.

— Você tá louca?

— Precisamos de provas contra ele. É assim que funciona.

— Se ele me chamar, e eu entrar, sabe o que vai acontecer? Ele vai me servir de bandeja pro Léo.

— Agora falou bonito. Você aprendeu isso onde?

— Engraçadinha.

— Mas ninguém vai entrar na barraca quando ele chamar, não, seu bobo. Só se for alguém muito idiota.

Olhei para ela, de um jeito sério.

— Claro que você não é idiota — ela disse, com um sorriso nos lábios.

— E como vamos entrar lá sem que ele nos veja?

— Vamos? Não, eu não vou. Você é que vai.

— Sozinho?

— Não quero morrer.

— Bela amiga você é.

— É porque sou sua amiga que vou te ajudar.

— Como?

— Vou distrair o palhaço.

— Como?

— Vou pensar em alguma coisa.

— A gente pode pedir ao Júlio César pra ajudar.

— Não, coitadinho, não vamos contar essa história pra ele. E se for verdade? O Seu Quin-Quin... almoço de leão.

— É, tem razão. Vamos resolver isso sozinhos.

— Pode deixar. Com sua Carolzinha aqui, tudo vai se resolver. E sabe por quê?

— Por quê?

— Porque a mulher tem uma inteligência superior.

— Foi a advogada do filme que falou isso também?

— Não, isso eu já nasci sabendo.

A PRIMA DA CAROL

— A Si vai passar o fim de semana aqui com a gente, Osvaldo. Mas tem muito cuidado com ela, pois ela é especial.

— Você acha que vou maltratar a sua prima? Eu sou bem-educado, Carol.

— Não é o que tô dizendo, Osvaldo. É que você e todos os meninos são meio brutos. E a Si não é uma menina comum.

— Por que sua prima nunca veio aqui antes?

— Ela veio, quando era muito pequena, você não se lembra.

— É, não me lembro.

O nome dela era Sirina. E era bem legal para uma menina. Tinha uns cabelos castanhos à altura do pescoço. A pele era morena. E ela era a primeira menina de doze anos que eu via maquiada. Fiquei mesmo muito impressionado com ela.

Naquele fim de semana, Carol, Júlio César, Sirina e eu ficamos juntos praticamente o tempo inteiro. E dormimos todos na casa da Carol. Fizemos uma barraca com uns lençóis no quarto dela, apagamos as luzes, acendemos lanternas e contamos histórias de terror. As melhores histórias foram da Sirina. Como aquela da casa assombrada por crianças mortas. O que me fez ter pesadelos durante algumas noites. Aliás, naquele tempo, tive muitos pesadelos, em que se misturavam imagens do Samuel, do palhaço e das crianças mortas.

No dia seguinte, domingo à tarde, a mãe da Carol fez cachorro-quente.

— Deixa de ser esfomeado, Osvaldo — disse Carol. — Já comeu três e ainda quer mais? Você não engorda de ruindade.

Depois de muito cachorro-quente e muito guaraná, decidimos nos despedir da Sirina com uma partida de futebol. Juntamos todos os meninos e meninas da rua e fomos para o campo. Pensamos em fazer uma partida de menino contra menina. Mas a Carol, tão competitiva, estranhamente, protestou; que jogasse todo mundo junto, porque aquilo não era guerra, era diversão. E, como sempre, ninguém contestou a Carol.

Escolhi a primeira integrante do meu time:

— Sirina.

A Carol não gostou muito. Mas como ganhei no par ou ímpar, eu podia escolher primeiro.

— Júlio César — disse Carol.

— Leandro Risadinha — continuei.

— Vilminha Perna Fina.

— Eu já falei que não gosto que me chamem de Vilminha Perna Fina, Carol — protestou Vilminha Perna Fina, meio chateada.

— Ah, então fica lá no time do Osvaldo — Carol falou, meio impaciente.

— Vem pra cá, Vilminha Pe... Vilminha — disse eu.

A Vilminha Perna Fina jogava bem.

A Carol teve de ficar com a Cristina e, a contragosto, com o Dino; ele fugia sempre da bola, com medo de quebrar os óculos.

Assim, formamos dois times, cada um com três jogadores mais um goleiro. E começamos a jogar.

No final, a Carol estava com tanta raiva que até a pobre da Sirina, de quem ela gostava tanto, levou uns chutes na canela. Pois Carol sabia que a Sirina era a melhor jogadora do meu time, melhor do que qualquer menino. Falo isso porque naquele tempo não era muito comum, como é hoje, as meninas jogarem futebol. Com exceção da Carol, que sempre fizera questão de ser respeitada pelos meninos e por isso jogava futebol e cuspia com a gente, a Sirina era a única menina que eu via jogar tão bem.

Mas a surpresa aconteceu quando fui fazer xixi num canto ali do campo, e a Sirina apareceu ali do meu lado, toda feliz com a nossa vitória. Ela chegou, eu já estava fazendo xixi. No início, pensei em esconder meu... vocês sabem. Mas aí a Sirina tirou o dela também e começou a fazer xixi ali do meu lado. E descobri que a Sirina era um menino igual a mim. Então, olhei para o rosto dela, que me sorria. E o fato de ela ser um menino me fez sentir mais próximo dela. E aquele foi o xixi em dupla mais feliz que já fiz. Até pensei em apostar com ela quem acertava o xixi mais longe; mas aí tive vergonha, porque ela era menino, mas também menina, e as meninas achavam tudo isso uma idiotice.

EU NÃO ERA O CENTRO DO MUNDO

Carol não sabia perder. Quando o jogo acabou, ela ficou ali, discutindo o resultado. Tentava justificar a derrota, quase queria convencer todo mundo de que nossa vitória não fora legítima.

Enquanto isso, Sirina e eu nos afastamos um pouco do grupo e nos sentamos debaixo de uma árvore ali perto do campo.

— Como é que é isso, Sirina? — perguntei. — Você é menino ou menina?

Ela não se sentiu ofendida com a pergunta. Muito pelo contrário, parecia já estar acostumada.

— Sou menina — respondeu.

— Mas menina não tem... não tem... Você sabe, né?

— É que é assim, Osvaldo. Eu sou menina, entende? Mas nasci com corpo de menino. É difícil explicar, muitas vezes é difícil de entender, eu mesma já fiquei confusa muitas vezes.

— É complicado mesmo.

Ela olhou-me de um jeito carinhoso e sorriu.

— Você é diferente, Osvaldo — falou.

— Diferente é você — disse-lhe eu.

E nós dois rimos.

— A Carol me contou que tem um menino lá na sua escola que não te deixa em paz.

Quando ela disse isso, fiquei um pouco triste. Eu fazia de tudo para esquecer aquele *bully*.

— Não sei se quero falar disso, Sirina.

— O que você quer ser quando crescer? — ela tentou mudar de assunto.

— Ah, um tanto de coisa! Quero ser fazendeiro, jornalista e médico também.

— Pois eu quero ser advogada.

— Só isso?

— É só o que quero.

Seu rosto ficou triste.

— O que foi?

— É que não sei se vou conseguir.

— Tem que estudar muito, né?

— Eu gosto de estudar.

— Então vai ser fácil.

— Só que...

— Qual o problema?

— Não é fácil ficar na escola.

— Mas você não gosta de estudar?

— Gosto. Mas não é muito bom na minha escola, sabe?

— Como assim?

— Todos riem de mim. E alguns professores me tratam diferente.

— Diferente como?

— Como se eu não merecesse estudar ali.

— E você fica triste com isso, né?

— Já quis desistir várias vezes e nunca mais voltar lá.

A Carol aproximou-se.

— O que tão falando aí? Aposto que é de mim!

— Ah, Carol — falei. — Você não é o centro do mundo!

Ela deu-me um tapa no braço.

— Ai, Carol! Já te falei pra não fazer mais isso.

— Você é menino, Osvaldo.

— E só porque sou menino, acha que pode me bater?

— Ah, não desconversa. O que é que os dois tavam falando? O que era, Si?

— Só tava dizendo como é difícil pra mim ficar na minha escola.

— Eles continuam te maltratando, né?

— Não cansam nunca, Carol.

Então, perguntei:

— E como é que você faz, Sirina?

— Eu aguento — ela respondeu.

Éramos um menino e uma menina que deviam estar vivendo os momentos mais alegres de nossas vidas. Mas estávamos aguentando, suportando a violência e a humilhação. E eu sabia que a Sirina sofria mais do que eu. Pois ela não era perseguida apenas por um garoto mau; mas por muitas outras pessoas que se diziam boas.

— E sabe o que me ajuda a aguentar, Osvaldo?

— Sua vontade de ser advogada.

— Isso também. Mas o que não me faz desistir desse sonho mesmo é o meu pai.

— Seu pai?

— Ele é quem me defende nos momentos difíceis na escola.

Acho que Sirina leu meus pensamentos.

— Conta pro seu pai, Osvaldo, que tem um menino te fazendo sofrer na escola — aconselhou.

Eu não acreditava que meu pai pudesse fazer alguma coisa. E também tinha receio de ser apontado na escola como um fracote, que precisava do pai para se defender. E, por outro lado, eu tinha

a ilusão de que meus pais e os professores pudessem perceber o que estava acontecendo, que pudessem intervir sem que eu precisasse pedir.

Pode ser difícil de entender; mas, cada vez que Samuel me provocava, era isto que ele queria, que eu saísse correndo e pedisse a ajuda do “papai” e da “mamãe”. Se eu fizesse isso, era como se ele houvesse vencido, como se fosse mais homem do que eu.

Tentei explicar isso para Carol e sua prima; mas eram meninas, não conseguiam entender.

— Os meninos são muito complicados mesmo — disse Carol. — Você fez bem, Si, quando decidiu ser menina.

A Sirina foi embora no dia seguinte. Mas saber um pouco da sua história me fez bem. Percebi que eu não era o centro do mundo, que havia outros meninos e meninas que sofriam uma perseguição ainda pior, vítimas da ignorância cruel de uma sociedade.

OS SUSPEITOS

A figura do palhaço me atraía. Era como se debaixo daquela maquiagem não houvesse uma pessoa. Por um momento, acreditei mesmo nisso, que ele não era humano. Por que andava sempre maquiado vinte e quatro horas por dia? Por trás daquela cara de palhaço se escondia uma figura assustadora? Eu não conseguia resistir, a atração pelo mistério sempre foi maior do que o medo. E todas as vezes que eu me aproximava do circo e o palhaço me via, ele fazia aquele sinal com as mãos, chamando-me para aproximar-me dele, para entrar com ele em sua barraca.

— Ainda não, Osvaldo — respondeu-me Carol. — Ainda não consegui imaginar um plano perfeito pra pegarmos o larápio.

— O quê?

— La-rá-pi-o.

— Que é isso?

— Ouvi essa palavra num filme. No início, eu não sabia nem pronunciar. Aí meu pai repetiu um montão de vezes pra mim. E disse pra eu procurar no dicionário.

— E procurou?

— Claro que sim. Não sabe como sou curiosa?

— E como sei!

— Larápio é um ladrão.

— Mas o palhaço não é ladrão, é assassino.

— Bandido é bandido. E eu não podia perder a chance de usar uma palavra nova.

Carol e eu ficamos observando o movimento do circo. Precisávamos saber como era a rotina de seus habitantes para que pudéssemos fazer um plano perfeito. Quer dizer, a Carol fazer um plano perfeito, pois ela era a mente brilhante.

— O leão tá dormindo — disse Carol. — Muito interessante.

— Por quê?

— Ora, Osvaldo. Pensa bem. Se ele tá dormindo, é porque não tá com fome. Não dá pra dormir com fome.

Era difícil ter certeza, pois nós nunca passamos fome.

— Osvaldo, ele deve ter sido alimentado durante a noite.

— Mas ele urrou de fome durante a noite.

— Mas depois parou de urrar.

— Será que o palhaço matou mais alguém?

— Não sei. Vou perguntar à minha mãe se soube de algum sumiço.

A mulher barbada saiu da barraca do palhaço e foi catar piolho em dois macaquinhos.

— Que nojo! — disse Carol. — A barba dela vai encher de piolho.

O palhaço aproximou-se, falou alguma coisa para ela.

— Parece que eles tão discutindo, Carol.

— Será que ela é cúmplice dele?

— O quê?

— Cúm-pli-ce.

— Ah... deve ser.

O dono do circo aproximou-se do palhaço e da mulher barbada.

— Olha só, eles tão discutindo sim, Osvaldo. Mas falando baixinho. É claro que tão escondendo alguma coisa.

— Se o Júlio César tivesse aqui, talvez conseguisse ler os lábios deles.

— Mas, Osvaldo, ele não pode nem imaginar que tamo investigando a morte do pai dele. Sofreria muito o coitadinho se soubesse que o pai acabou virando comida de leão.

A discussão lá no circo acabou. Cada um foi para sua barraca. Mas o palhaço parou diante da sua antes de entrar, virou-se e olhou para nós. Estávamos distantes, mas imaginei ver uns olhos vermelhos. Não é força de expressão, vermelhos mesmo, da cor de sangue. Fiquei morrendo de medo.

— Ele não é humano — sussurrei para Carol. — Ele não é humano.

Carol não havia visto nenhum olho vermelho. Como é que eu podia ver que os olhos do palhaço estavam vermelhos se estávamos longe e o Sol estava brilhando intenso? É, Carol tinha razão, eu via o que meu medo me fazia ver.

A COBRA DE ESTIMAÇÃO

O Chico Vira-Lata tinha treze anos de idade e era o melhor amigo do Samuel. Tinha uns cabelos lisos e pretos que caíam sobre a testa, uma pele morena, olhos muito escuros e um sorriso triste, um jeito quieto e silencioso. Não ajudava o Samuel a me maltratar. Mas também não interferia, não me defendia; não participava, ficava calado, enquanto o amigo me humilhava. Quando Samuel faltava à aula, e ainda bem que ele faltava muito, eu respirava em paz, e Chico Vira-Lata conversava comigo como um menino conversa com outro menino. Foi ele quem nos contou sobre a cobra de estimação do Samuel.

— Ele tem uma cobra em casa? — Carol perguntou, incrédula.

— Tem sim. E ele gosta muito dela. É a melhor amiga do Samuel.

O Chico disse que o Samuel conversava sempre com a cobra, fazia carinho na bichinha, como se ela fosse um cachorro ou um gato. Ela ficava lá, dormindo, nem aí para o seu dono.

— Você tá mentindo — disse Carol.

— Se quiser, eu levo vocês lá na casa dele.

Ninguém quis ir.

— O que a cobra come? — Carol quis saber.

— Rato — respondeu o Chico.

— Que nojo — ela falou.

— E vivo! O bichinho fica desesperado.

Imaginei Samuel: ria, dava gargalhadas, enquanto a cobra devorava o pobre ratinho.

Júlio César falou-me, com as mãos. E comecei a rir.

— O que ele disse? — quis saber o Chico Vira-Lata.

— Ele achava que cobra comia formiga.

— Quem come formiga é tamanduá — disse a sabichona da Carol.

Chico Vira-Lata olhou-nos de um jeito estranho.

— Você tá escondendo alguma coisa — comentou a Carol.

— É um segredo — disse Chico Vira-Lata. — Não sei se conto.

A gente não insistiu, provavelmente era alguma mentira.

— Samuel tem muito medo de formiga — ele acabou contando. — Medo não, ele tem pavor.

— Não fala sério! — Eu fiquei interessado. — Ninguém tem medo de formiga.

— Pois o Samuel tem. Acho que é trauma.

Não acreditei muito. Mas, no dia seguinte, no intervalo, eu estava sentado na grama, quando Samuel aproximou-se de mim.

— Você tava olhando pra mim, não tava, bichinha? Se eu te pegar olhando pra mim de novo, eu quebro sua cara, hein?

Fiquei com muito medo, ele era bem mais forte do que eu. E eu nunca havia brigado antes com ninguém. Eu quis correr; mas minhas pernas tremiam.

— Eu não tava olhando pra você não — gaguejei.

Minha resposta pareceu-lhe uma ofensa. Avançou em minha direção. No entanto, logo o medo surgiu em seus olhos. Ele recuou.

— Tá avisado — falou.

Então me lembrei do que o Chico Vira-Lata havia nos contado e vi que havia algumas formigas ali na grama, perto de mim. Pelo menos, eu conhecia um ponto fraco do meu arqui-inimigo.

Mas o Samuel voltou, como se não houvesse ficado satisfeito. E comecei a duvidar de que tinha medo mesmo de formiga. Mas ele não chegou perto, e eu não me afastei das formigas.

— Vem aqui que vou te mostrar uma coisa — disse ele, com cara de mau.

Baixei os olhos.

— Bichinha — falou. — Você é uma bichinha.

Fiquei calado.

Um grilo pulou da grama e caiu perto dos pés do Samuel, que olhou para o bichinho, com a mesma maldade que olhava para mim. Pegou o inseto, encarou-me e colocou-o na boca, começou a mastigá-lo, sem nojo, cara de mau. Depois de engoli-lo, falou:

— O próximo vai ser você.

E afastou-se.

O Júlio César aproximou-se e, com as mãos, perguntou o que havia acontecido. Depois que lhe contei, Júlio César, com movimentos frenéticos das mãos, disse que se eu não reagisse, ele mesmo daria uma lição no Samuel. Disse que não tinha medo dele.

— Ele é mais forte do que a gente.

Júlio César deu de ombros.

Logo apareceu a Carol, vermelha de raiva.

— Sabe o que descobri? — ela falou. — Aquele porco do Samuel colocou meu nome na cobra de estimação dele.

Júlio César começou a rir.

— Acha engraçado, Júlio César, o meu nome numa cobra asquerosa?

— Mas por que ele fez isso? — perguntei.

Olhei na direção do Samuel. De longe, ele olhava para a gente, ou melhor, para a Carol, de um jeito bem diferente. Então eu soube que o *bully* era apaixonado por ela.

O GALÃ

A mão do palhaço fazia um sinal, convidava-me a aproximar e entrar na barraca. Ele olhava de um lado a outro, para certificar-se de que ninguém via o convite. Eu seria muito bobo se me aproximasse e entrasse com ele na “toca do lobo”, ou melhor, na “toca do leão”, pois eu tinha a certeza de que o palhaço me mataria e faria de mim mais uma refeição para o pobre animal.

Pelo visto, estava difícil conseguir vítimas, pois o bicho urrava de fome todas as noites. O engraçado é que ninguém estava nem aí, parece que gostavam de ouvir aqueles urros tristes de madrugada. — Vou denunciar pra quem, Alípio? — minha mãe disse para o meu pai. — O que a polícia pode fazer pra ajudar um leão?

— Sei lá, deve ter algum zoológico que aceita cuidar do bicho.

— Se quiser, você chama a polícia. Eu não vou arrumar confusão por causa de um bicho que, se tivesse solto, não ia pensar duas vezes antes de pular no meu pescoço.

— Deixa de ser ignorante, mulher. O leão só ataca se tiver fome.

— E esse parece que tá morrendo de fome, Alípio. Ele urra quase que a noite inteira. Não vejo a hora desse circo dos infernos ir embora.

— Não entendo por que pegam o bicho se não podem comprar carne pra ele.

— No mundo, o que mais tem é coisa que a gente não entende. Por isso, ignorante não sou só eu não, Alípio, é muita gente.

— Se eu fosse rico, eu adotava o leão.

— Que besteira. Onde já se viu adotar um leão? Você tem cada uma.

E os meus pais continuaram discutindo; um defendia, o outro condenava o pobre do leão. Na verdade, o leão não importava a nenhum dos dois, o que eles gostavam mesmo era de discutir. Se minha mãe dizia “sim”, meu pai dizia “não”, se ele concordava com alguma coisa, ela discordava. Na minha casa era assim, parece que eles não sabiam viver sem discutir. Mas não era nada negativo não, eles se amavam e coisa e tal; mas o jeito de eles conviverem um com o outro era assim, um queria saber mais do que o outro. Eu achava engraçado, no início, quando eu era mais novo. Mas, à medida que eu ia crescendo, aquilo ia se tornando meio chato, eu ficava incomodado de viver numa casa em que não se valorizavam o silêncio e a calma, em que se discutia o tempo todo. Acho que eles só paravam de discutir quando dormiam, e ainda sonhavam discutir um com o outro.

Quando eu disse que queria participar de mais uma apresentação teatral organizada pela D. Zezé, foi a maior discussão. Não era a primeira vez que eu participava de teatro na escola, mas tudo servia para debate em minha casa.

— O teatro desinibe as pessoas. Vai ser bom pra ele, mulher.

— Esse povo de teatro é tudo vagabundo.

— Você é muito ignorante, mulher.

— Não quero que meu filho seja ator, quero que seja médico ou advogado.

— Besteira, ele vai ser o que ele quiser.

— Vida de artista é muito difícil, não quero isso pro meu filho não.

— Mas ele pode virar artista de televisão.

— Ah, Alípio, coitadinho do Osvaldo, acho que ele não tem cara de galã não.

— Mas quem disse que só tem galã na televisão?

— Ué, mas é galã que faz papel principal. Se não for bonito, não tem bom papel, não ganha dinheiro.

Dessa vez, eu tive de me intrometer.

— Ai, por que vocês complicam tudo?

Eles ficaram em silêncio, era a primeira vez que eu falava assim.

— É, o menino tá crescendo, já tem opinião. — Sorriu meu pai, orgulhoso.

— Que nada, isso é malcriação. Você respeite seus pais, menino.

Impaciente, em voz alta, perguntei:

— Será que posso falar uma coisinha?

Os dois entreolharam-se e, pela primeira vez, concordaram com alguma coisa. Balançaram a cabeça para mim, afirmativamente.

— Só quero participar porque gosto muito da D. Zezé.

— Alípio, seu filho tá apaixonado pela professora.

— Também já fui apaixonado por uma professora quando tinha a idade dele.

— Mas isso não é certo, homem.

— Isso passa, logo logo ele esquece e se apaixona por uma menina da idade dele.

Era impossível obter uma resposta objetiva dos dois quando estavam juntos. Então, em outro momento, em que minha mãe não estava, pedi ao meu pai, e ele disse que sim. E não se falou mais nisso, até que minha mãe veio reclamar comigo, pois ficara sabendo que eu participaria de uma apresentação na escola e que não havia lhe pedido. Então menti, disse que havia pedido e que ela havia dito que sim. Ela ficou em silêncio e falou em seguida:

— Memória dos infernos. Tô ficando velha, vivo esquecendo tudo.

— Mas não vai esquecer o dia da apresentação, hein? — disse eu, com um sorriso de anjo sedutor.

Ela olhou-me, com carinho, e falou:

— E eu ia me esquecer da apresentação do meu galã? É, Osvaldo, pode ser o começo de uma carreira de sucesso.

AINDA TE PEGO, SUA BICHINHA

Ficávamos sempre muito agitados quando a aula se aproximava do fim. Mas D. Zezé, que gostava de aproveitar o tempo, ia até o último minuto.

Nós reclamávamos:

— Fessora, falta só um minuto.

E ela dizia:

— Ainda vou mostrar a vocês a importância de um minuto.

Então, um dia, ela pediu para que ficássemos todos em pé perto das janelas da sala de aula, olhássemos para fora e observássemos tudo. Ficamos agitados, pois algo surpreendente poderia acontecer. Quando estávamos todos posicionados, ela falou:

— O minuto começa agora.

Ficamos todos em silêncio, enquanto observávamos o que acontecia lá fora. Em um minuto, uma mulher entrou e saiu de uma mercearia, um cachorro passou correndo na rua em frente e desapareceu, um carro também passou. O minuto acabou.

— E imaginem quanta coisa não aconteceu no mundo nesse minuto, hein? — disse D. Zezé.

E, depois de aprendermos a importância de um minuto, o sinal tocou. Corri para fora, tentava evitar o Samuel. Mas, naquele dia, ele “tava com a macaca”, como dizia minha mãe. Correu atrás de mim pelos corredores. E, na rua, agarrou-me pelo braço e falou:

— Tá fugindo de mim, bichinha?

— Me solta — pedi, morrendo de medo.

Ele empurrou-me; caí, esfolei meu cotovelo no cascalho da rua. Uma roda de meninos começou a se formar para ver a briga. Eu estava com muito medo. Comecei a chorar. E vi no sorriso do Samuel o prazer que ele sentia em me humilhar. Agora eu entendia que ele me provocava tanto porque queria aquilo, queria briga. Como eu não reagia, ele me humilhava, divertia-se, testava meus limites. Mas, cansado daquele jogo, decidira fazer finalmente o que tanto queria: bater muito em mim.

Ao me ver chorar, Júlio César, sempre mais valente do que eu, pulou nas costas do Samuel, que logo reagiu e o jogou no chão também. Mas Júlio César era muito corajoso; levantou-se e deu um soco em Samuel, que ficou com muita raiva e passou uma rasteira em Júlio César, que caiu outra vez. E quando percebi que o *bully*, furioso, tinha a intenção de chutá-lo, não sei o que deu em mim, uma força que eu não sabia que tinha, dei um empurrão em Samuel, que caiu sentado, puxei o Júlio César pela mão, e saímos correndo dali.

Ao chegar em casa, minha mãe perguntou o que havia acontecido, por que eu estava machucado. Eu disse que estava brincando de luta com o Júlio César, caíra, machucara-me. Não podia falar a verdade, havia um tipo de “acordo” entre os meninos, um acordo que nunca havia sido explicitado, mas que todos nós conhecíamos; e esse acordo dizia que os meninos deviam resolver seus problemas entre si, chamar a “mamãezinha” não

era permitido. Até porque acreditávamos que os adultos não podiam entender o nosso mundo, não pensávamos que eles também já haviam sido como nós, talvez porque eles mesmos pareciam haver se esquecido disso.

No dia seguinte, fingi estar doente e não fui à escola, estava com medo. Mas, no fim da tarde, a D. Zezé foi à minha casa, conversou com minha mãe. Quando foi embora, minha mãe não disse nada; mas estava séria demais. Eu sabia que alguma coisa estava acontecendo. Por fim, ela disse:

— Amanhã, levo você à escola.

Isso não podia acontecer, os meninos ririam de mim. Mas, por outro lado, senti certo alívio, senti-me menos sozinho. E, no dia seguinte, ela me acompanhou até a escola. E, ao contrário do que eu imaginava, os meninos não riram de mim. Naquele dia, o Samuel não foi à escola, faltou mais dois dias e, quando voltou, fez de conta que eu não existia. Por alguns dias, ele me ignorou. Mas, após esse período de aparente tranquilidade, ele aproximou-se de mim no intervalo e sussurrou ao meu ouvido:

— Ainda te pego, sua bichinha.

Apesar de meus pais serem ateus, eu aprendera a rezar com a Carol. E eu rezava todas as noites para que o Samuel esquecesse que eu existia. Eu dizia meu Deus, por favor, faz o Samuel se esquecer de mim, por favor, meu Deus, eu prometo ser bom com todo mundo, eu prometo. Mas talvez meus pais tivessem razão, Deus não existia, pois eu continuava sendo perseguido por aquele menino dos infernos.

GODOFREDO OSVALDO

Por insistência da minha mãe, fomos ao circo novamente, numa noite de sábado. Ela queria ver “aqueles macaquinhos dos infernos” andarem no triciclo de novo. Não queria ir sozinha. E o “Alípio é um bobo que não gosta de se divertir”.

O palhaço entrou para fazer o seu *show*. Ele era o único palhaço do circo. Um palhaço trapezista. Subia no trapézio e fazia mil acrobacias. Mas o espaço dentro do circo não era muito grande. Num dos movimentos do trapézio, o palhaço chegou bem perto das arquibancadas e me viu. Em outro momento, fez de conta que cairia sobre o público. Susto, seguido de risadas.

— Palhaço dos infernos! — gritou minha mãe, enquanto ria. — Ele fez isso da última vez, mas eu me assustei de novo agora.

Depois, o palhaço desceu do trapézio, ficou em pé no meio do picadeiro, pôs uma das mãos na cintura e colocou a outra mão, aberta, sobre os olhos, esticou o pescoço para a frente e moveu-se em círculo, à procura, enquanto ouvíamos um rufar de tambores. E, então, num movimento assustador, apontou para mim. Os tambores ficaram mudos. E ele fez aquele movimento com as mãos; chamava-me.

Meu primeiro impulso foi fugir. Mas todos riam e batiam palmas. E minha mãe dizia:

— Vai lá, Osvaldo, o palhaço tá te chamando, vai lá.

E confesso que senti um desejo irresistível de ficar cara a cara com aquele criminoso.

Estávamos cercados por um monte de gente, ele não ousaria me fazer mal, assim eu esperava. Com passos trêmulos, dirigi-me ao picadeiro.

Era a primeira vez que eu ficava tão perto do palhaço. O rosto dele aproximou-se do meu rosto, e o palhaço sorriu. Eu podia ver seus olhos, muito escuros, e seus dentes muito amarelos. Tive medo; mas ele segurou-me pelo ombro, antes que eu começasse a correr. Eu sempre tivera medo de palhaços; mas aquele era pior, pois ele era um assassino.

— Senhoras e senhoritas — disse ele.

Depois bateu com os dedos num relógio de plástico enorme que estava pendurado no peito. Olhou para a plateia, meio desesperado, e disse, pau-sa-da-men-te:

— Sem horas e sem horitas.

Mas falou de um jeito tão engraçado, que todo mundo começou a rir.

— Que horas são?

Então a mulher barbada entrou no picadeiro. Segurava uma cartola e uma bengala. Falou, com uma voz grossa que pretendia ser misteriosa:

— Hora de mágica.

O público aplaudiu.

O palhaço pegou a cartola e colocou-a na cabeça, de um jeito engraçado, pois fingia que a cabeleira impedia que ela entrasse; depois, pegou a bengala e fez uma cara de aristocrata, empertigado.

— Sou o maior mágico da terra. *Sir* Rudinho! E esta mulher linda e meiga... — falava da mulher barbada, em meio aos risos — é minha assistente.

A mulher barbada piscou muito os olhos e girou nas pontas dos pés.

— E este — disse o palhaço, enquanto apontava seu dedo para mim — é nossa cobaia... quer dizer... nosso voluntário.

E, olhando para mim, perguntou:

— Então, qual o nome de nossa co... de nosso voluntário?

Fiquei mudo.

— Oh, é tímido. Então vamos dar um nome pra ele. Deixem-me pensar... — Olhou para mim, depois para a plateia. — Tem cara de Godofredo.

A plateia riu.

— Godofredo, minha cobaia... hum hum... meu voluntário.

— É meu filho! — gritou minha mãe.

O palhaço olhou para ela e abriu a boca, exageradamente, como se estivesse espantado. E depois falou:

— Tô apaixonado. A mulher mais linda que já vi... depois da mulher barbada, é claro.

Minha mãe soltou uma gargalhada.

— Mas se me permite, linda mulher. — Mudou o tom de voz, como se estivesse recriminando minha mãe. — A estrela aqui é-o-seu-fi-lho.

Todos riram.

— Godofredo.

— Meu nome é Osvaldo — disse eu, a voz trêmula.

— Hum... Godofredo se chama Osvaldo! Muito bem, Godofredo Osvaldo, diz um número de cinco a dez.

— Oito.

— Vamos contar até oito, todos juntos — gritou o palhaço para a plateia. E começou: — Um... dois... três... quatro... cinco... seis... sete... e... oito.

As luzes apagaram-se. Tudo escuro. Todo mundo gritava, mas consciente de que aquilo fazia parte do espetáculo.

Quando a luz voltou, no palco só estavam a mulher barbada e seus “macaquinhos geniais”, além da bengala e da cartola do palhaço.

O MOCINHO SOU EU

— Quando as luzes se apagaram, o palhaço me puxou pra fora do circo. No meio de tantos gritos, ninguém podia ouvir os meus. Lá fora, ele tampou minha boca com uma de suas mãos, enquanto me carregava com a outra.

— E te levou pra onde? — perguntou Carol, impaciente.

— Ora, pra barraca dele.

— E o que aconteceu?

— Ele me pôs no chão e me segurou pelos ombros.

— E aí?

— Disse pra eu não gritar, que não precisava ter medo, que não ia me machucar.

— Isso é o que diz todo assassino antes de eliminar sua vítima.

— Foi o que pensei.

— Mas, então, o que aconteceu?

— Eu não fiquei pra saber. Dei um chute na canela do palhaço e saí correndo.

— Osvaldo, ele é mesmo perigoso.

— É, tamo correndo risco de vida.

Ela olhou-me, surpresa:

— Como assim? O palhaço quer pegar é você.

— É óbvio que ele já percebeu que você também sabe de tudo.

Ela ficou em silêncio.

— Será mesmo?

Percebi que estava com medo.

— Mas não se preocupe, não deixarei que ele faça nenhum mal a você.

Depois daquelas palavras, eu esperava um sorriso agradecido e meigo dela. Mas a Carol não era esse tipo de menina.

— E eu preciso de alguém pra me proteger? Ainda mais você, medroso como é. Não se preocupe comigo, sei me cuidar.

— Então tá, mulher-maravilha.

Ela fez um muxoxo.

— Você já tem um plano? — perguntei.

— É óbvio, Osvaldo.

— E o que vamos fazer?

— Nós não, você vai fazer. É a isca perfeita.

— Não é perigoso?

— Claro que é perigoso — falou, impaciente.

E contou-me todo o plano.

Hoje, quando me lembro daqueles dias turbulentos, vejo o quanto éramos ingênuos e irresponsáveis. Queríamos ser heróis, como se a vida fosse um filme americano. Mas, na vida real, não há espaço para heróis. Somos todos humanos, imperfeitos. Porém, quando somos meninos, pensamos que podemos tudo. Na verdade, tenho saudade disso, dessa sensação de que posso tudo, de que haverá sempre um final feliz. Porque, à medida que crescemos, percebemos que não é bem assim, percebemos que podemos morrer, não somos eternos, e que, muitas vezes, dependemos mais da sorte do que de nós mesmos.

— Você tá preparado, Osvaldo?

— Não, mas vamos seguir com o plano.

— No final, tudo acaba bem.

— Tem certeza, Carol?

— Claro que sim. No final, o mocinho sempre vence.

— E o mocinho sou eu, né?

— Sim, você é o mocinho.

É, Carol sempre foi mais inteligente do que eu, e mais corajosa, e mais ousada. Mas acho que sempre consegui ver a vida de uma forma bem mais clara do que ela.

— Se o plano der errado, é melhor chamar a polícia.

— Ah, Osvaldo, como você é pessimista.

UM NOME INCOMUM

Todos estavam alvoroçados por causa da aluna nova. Ela vivera na Alemanha, agora morava no Brasil. Seu nome, curiosamente, era Lascívia. Hoje, quando penso nisso, acho muito engraçado. Na época, eu não entendia o que significava “lascívia”. Era um nome bonito, sem dúvida, gostoso de se ouvir. Mas provocava o espanto de muita gente.

As meninas da sala rejeitaram-na, obviamente porque os meninos ficaram loucos por ela. Aquelas meninas invejosas não gostavam de Lascívia antes mesmo de conhecê-la.

Ela era muito bonita. Mas o que mais atraía os meninos era, na verdade, acreditar que ela era estrangeira. Muito branca, esguia, um jeito doce de sorrir, olhos negros e desdenhosos, amendoados. Lábios finos, sem batom.

— Não ligue pra elas não — disse-lhe eu, um dia. — Elas têm inveja de você.

Lascívia, séria, concordou com a cabeça.

O pior é que não eram só as meninas que não gostavam dela, a professora de História também odiava Lascívia. E quando a menina começava a falar da Alemanha, a professora olhava para ela com aqueles olhinhos muito azuis, o rosto muito vermelho, afastava os cabelos louros que lhe caíam sobre os óculos, punha a mão na cintura, tão magra, tão esquelética, e dizia:

— Não gosto de gente que gosta de aparecer.

Eu não conseguia entender o ódio da professora de História. Sei que tudo começara no

primeiro dia de aula da nova aluna. Quando a professora perguntara o seu nome, a menina respondera:

— Lascívia.

Primeiro, a professora ficara muda, depois, rira nervosamente e, por fim:

— Como é mesmo o seu nome?

— Meu nome é Lascívia.

A professora ficara mais vermelha do que o habitual.

— Não pode ser — dissera, já irritada. — Lascívia não é nome de gente.

A menina ficara em silêncio.

— Que tipo de mãe coloca esse nome em uma filha?

— Não foi minha mãe, foi meu pai — respondera a menina.

— Você sabe o que significa seu nome?

— É, minha mãe me falou.

— E você não tem vergonha?

Lascívia rebatera:

— Você tem vergonha de ser chamada de Filisbina?

Esse era o nome da professora.

— Mais respeito comigo, menina. Me chama de “senhora”.

Uma das meninas ousara perguntar:

— Afinal de contas, o que significa “lascívia”?

E a professora respondera, trêmula:

— Não tenho coragem de dizer.

Ficaram todos curiosos, a sala virara um tumulto. A professora pedira silêncio; mas ninguém

ouvira. Tinha o costume de jogar pedaços de giz em quem estava falando demais. Então, perturbada, ela começara a lançá-los indiscriminadamente. E, assim, acabara acertando a testa da Ana Paula, que começara a chorar, magoada, porque sempre fora quietinha, boa aluna, e nunca professor algum lhe chamara a atenção.

No dia seguinte, todos olhavam para Lascívia e riam dela. Dicionários haviam sido consultados. As meninas mostravam ainda mais desprezo, enquanto os meninos ficavam ainda mais agitados. Confundiam o nome com a pessoa.

Eu tentava sempre ser gentil com Lascívia, de forma a amenizar tanto o ódio das meninas quanto o comportamento desagradável de alguns meninos. Porém, ela não parecia grata pela minha gentileza; sempre séria, nunca sorria para mim.

E minha solidariedade acabou quando a vi conversando, sorridente, com o Samuel. Quando passei perto deles, ele me chamou de “bichinha”, e ela riu disso. Naquele momento, acreditei que Lascívia merecia a rejeição que estava sofrendo. Fiquei triste com a ingratidão da menina a quem eu oferecera apoio e que me pagava com o desprezo.

OS IGUAIS SE ATRAEM

Dizem, por aí, que “os opostos se atraem”. É pura mentira. Os iguais é que se atraem. Prefiro acreditar no ditado que diz: “Diz-me com quem andas e te direi quem és”. Pois a prova disso foi que Lascívia se mostrou uma *bully* tão ou mais cruel do que o Samuel. Ela, que a princípio estava sendo vítima de *bullying*, acabou virando o jogo de uma forma nada interessante, começou a perseguir a Priscila.

Priscila era uma menininha tímida que sempre se sentava no fundo da sala e falava muito pouco. Parece que tinha uma perna maior do que a outra. Não fazia mal a ninguém a pobre menina; mas, por algum motivo, começou a incomodar Lascívia, que a chamava de “Manquinha”. Priscila tinha uma pele muito branca e ficava muito vermelha quando virava o centro das atenções. E Lascívia não perdia a oportunidade de chamar a atenção para a menina. O que, estranhamente, acabou fazendo os professores perceberem que Priscila existia. Quando faziam alguma pergunta para ela, a coitadinha ficava vermelha e começava a gaguejar. Os outros alunos disparavam a rir e, numa dessas ocasiões, ela começou a chorar.

O professor de Matemática foi severo:

— Isso não é motivo pra chorar, menina. Não seja boba!

Tive vontade de me levantar, ir até ela e abraçá-la. Mas a última coisa que eu queria era jogar sobre mim o foco das atenções. E tinha receio

de que esse tipo de solidariedade aumentasse ainda mais o ódio do Samuel em relação a mim, ou sei lá que tipo de sentimento movia-o naquela perseguição doentia.

No entanto, confesso, com certa vergonha, que também tive a esperança de que o foco das agressões se concentrasse todo em Priscila, de que Samuel me trocasse por ela. Esse sentimento covarde me envergonha ainda hoje, não me orgulho de haver desejado isso.

Vimos Priscila ficar cada vez mais triste e silenciosa. Apesar de muito tímida, era uma das melhores alunas, e ninguém duvidava de sua inteligência, pois sempre tirava as melhores notas, gostava mesmo de estudar. Nunca faltava às aulas; podia estar chovendo canivete, como se diz por aí, que ela estava sempre lá, em sua carteira, no fundo da sala. Só que isso começou a mudar, sua presença em sala de aula era cada vez mais rara. E, quando aparecia, podíamos perceber que estava emagrecendo e que seu rosto estava tão pálido quanto o de um cadáver.

Ela usava sempre um rabo de cavalo, que era puxado com força quando Lascívia passava perto dela. Um dia, porém, a perversa *bully* decidiu fazer algo diferente, empurrou a menina e, enquanto ela estava no chão, pegou uma tesoura e cortou um pequeno pedaço do seu rabo de cavalo. Mas, dessa vez, foi delatada por uma aluna e ficou suspensa por dois dias, além de uma forte advertência por haver levado uma tesoura com ponta para a escola.

Priscila não voltou mais. E correu o boato de que ela havia se matado. A escola não confirmou nada, preferiu o silêncio. E como a menina não tinha amigos ali, ninguém nem sabia onde é que morava.

Aquele boato me deixou muito triste, tranquei-me no meu quarto, acendi uma vela e rezei por ela, do jeito que a Carol havia me ensinado. E pedi perdão por haver desejado que o Samuel me deixasse em paz e passasse a persegui-la.

Pensei que, com esse desfecho trágico, Lascívia ficaria com remorsos, repensaria suas ações. Mas isso não aconteceu. A menina que a denunciara passou a ser o seu novo alvo, em uma perseguição que culminou em agressão física.

No intervalo, na frente de todo mundo, Lascívia, com uma das mãos, segurava um dos braços da menina e, com a outra, puxava-lhe os cabelos, enquanto a menina chorava, sentia dor e medo. O que mais me assustou não foi a violência em si; mas o rosto de Lascívia, transformado em uma máscara assustadora. Não parecia uma menina, parecia um monstro.

Dessa vez, foi suspensa e também ameaçada de expulsão, o que não impediu que continuasse a perseguir implacavelmente aquela sua vítima.

A FOTOGRAFIA

O professor de Educação Física chamava-se Aldair, era muito magro e alto, moreno e sério. Já a professora de Educação Física era gorda, alta, muito branca e carrancuda. Ela era muito rígida com as meninas. E ele também era muito severo com nós meninos. Pareciam dois militares impiedosos. No entanto, um dia, Carol e eu vimos os dois abraçados, e ele a chamava de “Boneca”. Não suportamos, rimos muito, pois aquilo, para nós, era muito engraçado.

Eles planejaram um passeio a um clube da cidade. Conseguiram um ônibus gratuito junto à prefeitura e também contaram com a generosidade dos donos do local. Eu não queria ir, pois o Samuel estaria lá também, eu sabia que não seria nada bom. Mas a Carol e o Júlio César iam, a Ana Paula também. E eu tinha esperança de que o Samuel tivesse coisas mais interessantes com que se divertir.

O ônibus já estava saindo quando ele chegou.

— Ah, pensei que não fosse, Samuel — disse-lhe o professor.

— Eu não ia perder este passeio por nada — disse Samuel, enquanto olhava para mim.

Tive vontade de desistir; mas o ônibus já estava a caminho.

Samuel aproximou-se do lugar onde eu estava sentado e disse para o menino sentado a meu lado:

— Se manda!

O menino saiu, calado, e procurou outro lugar para se sentar.

Samuel sentou-se e, em silêncio, começou a me empurrar contra a lateral do ônibus, espremia-me como se eu fosse um limão, enquanto eu sofria calado, sem conseguir reagir, apavorado, tentando não chorar.

Quando ele se cansou daquela “brincadeira”, olhou para mim e perguntou, em tom de ameaça:

— Então, bichinha, você sabe nadar?

No clube, tentei ficar longe do Samuel; mas ele não me deixou em paz. Na piscina, afundou-me e, por um bom tempo, manteve-me submerso; quase morri afogado. Alguns meninos ficaram apavorados, outros riram.

Foi um péssimo passeio. Eu fugia do Samuel o quanto podia. Mas ele me perseguia incessantemente, não me dava paz.

No final, os professores de Educação Física resolveram tirar uma fotografia de todos nós juntos. E o Samuel logo se aproximou de mim, abraçou-me com força.

— Digam “giz” — disse o professor.

Mas Samuel sussurrou:

— Bichinha.

O PLANO DA CAROL

E chegou o dia de colocarmos o plano da Carol em prática.

— O plano é perfeito — disse ela, orgulhosa. — Vai ser como num filme.

— Sinceramente, eu não tô gostando da ideia.

— Não seja medroso, Osvaldo.

Na verdade, eu estava tão confuso com tudo o que estava acontecendo em minha vida, que nem sabia mais o que era certo e o que era errado. Então, resolvi apenas correr o risco.

— Tá pronto?

— Não.

— Mas, Osvaldo, não podemos esperar mais.

— Eu disse que não tô pronto, eu não disse que vamos esperar.

— Então?

— Tô indo.

— Espera.

— O quê?

Carol fez uma cara de atriz canastrona e falou, num tom exagerado:

— Atenção! Silêncio no estúdio! Luzes! Câmera! E... Ação!

Olhei para ela, boquiaberto, e perguntei:

— O que foi isso?

Ela riu.

— Sempre quis fazer isso. É como fazem os diretores de cinema.

— Tá bom, mas isso aqui não é um filme, Carol. É vida real.

— Você é tão pé no chão, Osvaldo. Que chato!

— Tá bom. Tchau. Se eu não voltar em quinze minutos, chama a polícia. — E eu sorri. — Sempre quis dizer isso.

O circo tinha aquele aspecto de arco-íris cansado. Havia um silêncio no ar quente daquela tarde, além de um cheiro nauseabundo vindo da jaula do leão, que estava deitado, enquanto espantava as moscas com a cauda, muito magro o coitado, muito fraco, sonolento. Alguns macaquinhos estavam com a mulher barbada em sua barraca; gritavam. Ela, meio sonolenta:

— Me deixem dormir, pestes!

E novamente o silêncio.

Aproximei-me da barraca do palhaço e senti um arrepio, como se a mão gelada da morte passasse por minhas costas. Eu sempre tivera muito medo de palhaços, e aquele confirmava minhas mais tristes suspeitas, pois eu sempre achara que todo palhaço era um assassino.

Havia umas lonas amontoadas num canto. Seguindo o plano da Carol, peguei o isqueiro no meu bolso, olhei para todos os lados para garantir que ninguém estava olhando e pus fogo ali. Primeiro, uma chama fraca, que depois se alastrou aos poucos. Então, escondi-me atrás da barraca da mulher barbada e tentei disfarçar minha voz, engrossei-a o quanto pude e gritei:

— Fogo! O circo tá pegando fogo!

A mulher barbada saiu da barraca, meio sonolenta, e, quando viu a fumaça, começou a gritar:

— Acudam! Acudam! O circo tá pegando fogo!

O palhaço, então, saiu da barraca dele.

E, de acordo com o plano da Carol, entrei lá para encontrar provas. Mas aquela barraca estava uma bagunça, parecia impossível encontrar alguma coisa naquele lugar. Comecei a ficar desesperado, o medo tomou conta de mim, e decidi sair dali; mas, nesse momento, o palhaço entrou.

Ele olhou-me, com surpresa.

— Então foi você. Garoto, você foi longe demais.

— Socorro! — gritei.

O palhaço sacudiu-me pelos ombros.

— Fica calado. Vamos resolver nosso problema de uma vez por todas.

Pensei que meu fim havia chegado.

— Ô, seu palhaço, sou tão jovem pra morrer! — disse eu, enquanto chorava.

— Do que tá falando, menino?

Ajoelhei-me.

— Por favor, não me mate, seu palhaço. Por favor, prometo que não conto pra ninguém o que eu vi, prometo que deixo o senhor fugir.

— Para com isso, menino.

— Não quero ser comida de leão. Não, seu palhaço, o leão não vai gostar de mim, por favor.

— Você é doido, menino? É isso, você é doido?

— Vi o senhor dar aquela mão pro leão comer. Mas não vou contar pra ninguém, eu juro.

O palhaço puxou-me pela camisa, segurou-me pelos ombros e sacudiu-me:

— Para com isso, menino, para de chorar. Não vou matar você, nem te dar pro leão comer.

— Obrigado, seu palhaço.

Eu não conseguia parar de chorar.

— Mas, se continuar chorando, posso mudar de ideia.

Parei de chorar.

— Assim é melhor.

— Posso ir embora?

— Depois que eu te mostrar uma coisa.

Ele segurava-me pelo braço, enquanto procurava alguma coisa. Aí tirou aquela mão de dentro de uma caixa. E eu já ia gritar, quando ele falou:

— Sem grito! Essa mão não é de verdade, garoto bobo.

— Não?

— Não. É uma daquelas mãos de manequim; o leão gosta de brincar com ela, distrai a fome dele.

— Então, o senhor não é assassino?

— Que imaginação a sua, garoto.

Eu ia fazer algumas perguntas; mas a mulher barbada apareceu na barraca, estava chorando.

— O fogo tá se espalhando, nosso circo tá indo embora.

Quando saímos da barraca, vimos que o fogo já atingira a lona que cobria o circo. O leão parecia estar com medo dentro de sua jaula. Algumas pessoas do bairro aproximavam-se com baldes de água.

O palhaço juntou-se aos outros, na tentativa de apagar o incêndio. Então vi a Carol, corri para perto

dela. Ela olhou-me com a mesma culpa que invadia os meus olhos naquele momento. E ouviu-me dizer:

— O palhaço não é assassino.

Em nenhum momento, quisemos causar uma tragédia. Nunca imaginamos que o fogo fosse se alastrar daquela forma. Fomos ingênuos e irresponsáveis.

— Ai, não era pra ser assim, Osvaldo! — disse Carol, desesperada.

— Eu sei, Carol. Mas deu tudo errado!

— Meu Deus, o que foi que eu fiz?

— Nós fizemos, Carol. A culpa não é só sua.

VOCÊ É BICHINHA, NÃO É?

No dia seguinte, no caminho da escola, eu revivia, em minha mente, os acontecimentos do dia anterior. O circo em chamas, depois em cinzas. Os macaquinhos agarrados na mulher barbada, enquanto ela gritava que a sua vida havia acabado. E o leão solto, para não morrer queimado dentro da jaula.

Apesar da fome, ele não quisera comer ninguém; ficara ali, num canto distante do tumulto, fraco, cansado, sonolento. Enquanto o palhaço me olhava de longe, como se dissesse que a culpa era minha. E era mesmo, a culpa era minha.

Quando vi o Samuel em frente à escola, não fugi, porque eu queria ser punido, achava que a punição aliviaria minha culpa. E Samuel não perdeu tempo, passou um pé diante de mim: tropecei, caí, risos. Levantei-me, resignado.

— Diz a verdade — falou. — Você é bichinha, não é?

Os meninos riam.

— Você é bichinha?

As meninas não se aproximavam.

— É bichinha, não é?

E eu apenas chorava, humilhado.

— É, você é bichinha — disse Samuel e afastou-se.

O inspetor de alunos apareceu, quis saber o que havia acontecido.

— Por que você tá chorando?

Uma golfada de vômito atingiu os pés dele.

— Você vomitou em mim, garoto!

Meu corpo só estava refletindo toda a angústia que eu vinha sentindo nos últimos tempos, devido à perseguição realizada pelo Samuel. E a história do palhaço provavelmente não passava de uma fuga, uma maneira de esquecer a angústia, o sofrimento, o medo que eu sentia do perverso *bully*.

Ao chegar em casa, fui direto para a cama e adormeci, estava debilitado física e moralmente. Mas meus sonhos, ou melhor, pesadelos, perturbaram o meu sono. Samuel aparecia, pintado de palhaço, montado no leão ou com o corpo em chamas, dava gargalhadas, dizia obscenidades, ameaçava-me, perseguia-me.

Acordei, suado. Minha mãe estava no quarto. Ao lado dela, um homem, que me pareceu familiar. Ah, era o palhaço, sem maquiagem, apenas um homem, sem disfarce.

Ela estava séria quando falou:

— Você tem visita.

Saiu e deixou-me a sós com Lindalvo, esse era o nome dele. O palhaço Perereca era uma criação do Lindalvo. Ele sentou-se numa cadeira, colocada ali por minha mãe, perto da cama.

— Osvaldo, acho que precisamos conversar.

EM PRATOS LIMPOS

Eu não tinha mais medo dele. Agora, o que me consumia era apenas a culpa, por tudo que havia acontecido. E ele parecia perceber isso.

— Não se culpe. Você agiu pelo medo.

— Desculpa, eu não queria queimar o circo.

— Eu sei.

— Contou pros meus pais?

— Não, não sabem o que você fez.

— O que disse a eles?

— Que você tinha medo de mim e que pensou que eu era um assassino.

— É que vi você dando aquela mão pro leão comer.

— Vamos colocar tudo em pratos limpos. Vim aqui pra isso.

— E você me chamava de um jeito estranho pra entrar na sua barraca.

— É que eu te vi aquele dia, quando eu dava a mão de brinquedo pro Leonardo brincar. No início, não me preocupei. Mas, depois, percebi que você vivia rondando o circo, me vigiando, com medo de mim. Aí percebi que você tinha confundido as coisas.

— O nome dele é Leonardo?

— Leonardo da Vinci.

Eu ri.

— Quando conheci o Leonardo, ele ainda era um filhote. Acabei desenvolvendo um forte carinho por ele. Mas ele era propriedade do circo.

— O coitado urrava de fome.

— Por isso eu dava aquela mão de brinquedo, pra ele se distrair da fome. Nem sempre havia dinheiro pra comprar carne. E muitas vezes a mulher barbada aparecia com um gato ou um cachorro que ela matava pra dar de comer ao Leonardo.

— Isso é nojento. Devia ter soltado ele.

— Eu não podia. O dono do circo e a mulher barbada podiam me fazer muito mal.

— Mas aquela mão parecia tão real!

— Mas não era real.

— Então, você me chamava...

— Eu te chamava pra barraca pra poder te explicar isso, não queria te fazer nenhum mal.

— Mas por que não fez isso fora da barraca?

— Porque eu não podia ser visto conversando com você. Eu conheço um segredo do dono do circo e da mulher barbada. Mas eles também sabem de um segredo meu, então esperam o meu silêncio. Apesar disso, eles têm medo de que eu conte o segredo deles pra alguém; por isso, ficam sempre de olho em mim.

— Era por causa do seu segredo que você sempre tava com maquiagem de palhaço? Você tava se escondendo?

— Isso mesmo. Mas, agora, que não temos mais o circo, não posso mais me esconder.

Ele percebeu que fiquei um pouco triste e falou:

— Mas não é culpa sua, não se preocupe.

— Não quer me contar o seu segredo?

Ele sorriu.

— É melhor que você não saiba, pode ser perigoso.

Então comecei a imaginar que ele era um herói, daqueles dos filmes aos quais a Carol gostava de assistir. Quem sabe era um espião perseguido por bandidos cruéis?

— Não tem mais medo de mim, tem? — perguntou-me, com um olhar terno.

Não, eu não tinha mais medo. Na verdade, eu estava confiando nele. Então, contei-lhe toda a perseguição que estava sofrendo. Eu andava com medo de ir à escola, estava tirando notas baixas, eu que sempre fora estudioso. E chorava às vezes, sozinho, angustiado, sem ter ninguém para me ajudar. Com os adultos, eu não podia contar, pois eles sempre enfiavam os pés pelas mãos. Mas ele, puxa vida!, ele era um palhaço, um artista, podia entender um menino medroso.

— Também fui perseguido assim por um menino quando eu tinha a sua idade, sabia? Sei o que tá sentindo.

— E o que fez?

Ele sorriu, enigmático.

— Nem me lembro. Mas sei o que vou fazer agora.

— Você vai me ajudar?

— Pode ter certeza que sim.

Eu sorri, animado:

— Legal!

Então me lembrei de que o leão não tinha mais o circo.

— Lindalvo, e que fim levou o leão?

O sorriso dele fez-me estremecer.

— Ninguém sabe por onde anda o Leonardo da Vinci...

O PAI DO *BULLY*

No dia seguinte, no banheiro, enquanto trocávamos de roupa para a aula de Educação Física, Samuel baixou minha cueca e deu boas gargalhadas disso. Eu, como sempre, aguentei calado. Mas, naquele dia, eu tinha esperança de que aquela perseguição chegasse ao fim.

Perto da quadra, uma turminha de meninos olhava as meninas, todas de *short* azul, e ficavam falando obscenidades. Eu estava entre eles, calado, mas ria dos comentários.

Samuel chegou, ouviu um pouco da conversa e falou:

— Ih, quê que essa bichinha tá fazendo aqui? Até parece que gosta.

Os outros meninos riram. E afastei-me.

Durante o futebol, Samuel empurrava-me, dava-me socos nas costas e xingava-me quando se aproximava de mim.

No final da aula, nem troquei de roupa, saí correndo para encontrar com o Lindalvo no lugar onde havíamos marcado. Ele estava lá, fumava um cigarro.

— Quer um cigarro? — perguntou-me, enquanto me estendia o maço.

Eu disse que não fumava, e ele deu de ombros.

Vimos o Samuel, calado e sozinho, cabisbaixo, a mochila nas costas. Nós o seguimos de longe, vimos quando ele entrou em sua casa.

— É ali que ele mora? — perguntou-me Lindalvo.

— Acho que é.

— Então chegou a hora de dar uma lição nesse pilantra.

O tom de ameaça na voz dele incomodou-me, eu não sabia o que ele ia fazer. Mas, se ele queria me ajudar, eu não podia recusar a sua ajuda, eu precisava dela.

Quando chegamos à casa do Samuel, ouvimos uns barulhos lá dentro. A janela estava aberta, então vimos um homem dar murros nas costas dele. Samuel estava encolhido no chão e dizia, enquanto chorava:

— Para, pai. Para, pai.

Mas o homem não parava.

Lindalvo jogou o cigarro no chão e pisou em cima dele, calmamente, enquanto sorria.

— Não vai fazer nada? — perguntei a Lindalvo.

Ele olhou-me e falou:

— Não queria se vingar do Samuel? Então, tem vingança melhor do que vê-lo apanhando assim?

— Eu não queria me vingar, eu...

Então, senti vergonha; pois eu queria sim me vingar, queria que ele pagasse por tudo que me fizera.

— Meu pai também me batia assim — disse Lindalvo, como se aquilo fosse normal. — Isso me fez crescer forte, aprendi a ser homem.

— Precisamos chamar a polícia.

— Fica quieto, menino — disse Lindalvo, segurou-me pelo braço, e nos aproximamos.

Samuel olhou-nos, surpreso e assustado, sem entender bem o que estava acontecendo.

— Tio Lindalvo? — falou.

— O quê! — exclamei. — Ele é seu tio?

— É, sim, irmão do meu pai — disse, enquanto secava as lágrimas com as costas das mãos.

O pai do Samuel gritou para o irmão:

— O que deu em você pra trazer esse moleque aqui?

— Ele sabe demais — disse Lindalvo. — Precisamos dar um sumiço nele.

Meu coração gelou. Olhei para o Samuel e, pela primeira vez, senti que ele era um menino tão frágil quanto eu, o medo estava estampado em seus olhos.

— O trouxa do seu filho fez alguma coisa que presta — continuou Lindalvo. — Tava perseguindo o garoto aqui, o medroso do Osvaldo, que me pediu ajuda pra se vingar.

— Não! — gritei. — Eu só queria que você fizesse ele parar de me perseguir.

— E como pensou que eu faria isso, garoto idiota?

De repente, eu não sabia mais se eu era mocinho ou se era vilão. Toda aquela experiência provocara em mim sentimentos tão contraditórios. É que somos luz e sombra ao mesmo tempo, todos nós somos luz e sombra. Mas, apesar do medo e dos pensamentos confusos que passavam por minha cabeça, algo dentro de mim me dizia que eu precisava fazer qualquer coisa para escapar, era o velho instinto de sobrevivência.

— E por que tava batendo no Samuel? — perguntou Lindalvo ao irmão.

— Ah, você não sabe o que este imbecil fez — disse o pai do Samuel e deu-lhe um tapa na cabeça. — Abriu uma das caixas, pegou uma das armas e levou pra escola.

Samuel se defendeu:

— Eu só queria mostrar pro meu amigo Chico Vira-Lata, ninguém mais viu.

— Cala a boca! — gritou-lhe o pai, deu-lhe outro tapa na cabeça e falou para o irmão: — Imagina se uma professora visse a arma e chamasse a polícia.

— Seu filho é mesmo um imbecil — falou Lindalvo. — E tem a quem puxar.

— Como é que é? — disse o pai do Samuel.

— Se até um pirralho conseguiu ter acesso às caixas que eu pedi pra você esconder, imagina a polícia.

— Olha, eu fiz um favor pra você.

— Favor nada, eu te prometi uma boa comissão com a venda das armas.

— Uma mixaria!

— Tô vendo que foi um erro trazer o circo pra cá e deixar as caixas aqui.

— Você tá sem saída, Lindalvo, a polícia do país inteiro tá procurando você. A venda dessas armas é sua última chance de conseguir algum dinheiro pra fugir pro exterior.

— Nós somos irmãos, cara, você deveria me ajudar.

— Não me venha com essa conversa fiada.

— Já percebi o que você quer, Arnaldo.

— Quero mais dinheiro do que você me prometeu.

— A gente fez um acordo!

— Mas não tô satisfeito.

— Olha, Arnaldo, muita gente já se deu mal nesta história. — E, numa demonstração de perversidade, Lindalvo abaixou-se e cochichou ao meu ouvido: — Você tinha razão, aquela mão era de uma pessoa de carne e osso.

E deu uma gargalhada, enquanto eu tremia feito vara verde.

— Não tenho medo das suas ameaças — disse o pai do Samuel.

— Mas devia — retrucou o irmão.

Olhei para o Samuel, fiz-lhe um sinal com os olhos em direção à porta, e ele entendeu. Respirei fundo, reuni toda a força que eu podia ter em meu corpo, levantei o meu pé direito e dei uma pisada no pé do Lindalvo, que, por sorte, estava usando chinelo, enquanto eu usava tênis. Ele gritou um palavrão, e a dor no pé fez com que ele me soltasse. Corri em direção à porta. O Samuel foi o primeiro a sair, e eu atrás dele. Os bandidos vieram em nosso encalço, Lindalvo provavelmente mancava.

Mas que surpresa! Lá fora, estavam silenciosos carros de polícia, e todos os policiais apontavam as armas em nossa direção. Então, estaquei. Por um momento, na confusão, pensei que a polícia atiraria em mim. Mas não, estavam todos de olho no Lindalvo e seu irmão Arnaldo. Olhei para trás e vi que o Lindalvo levantava a camisa para pegar um

revólver na cintura. E senti a mão do Samuel segurar a minha e me puxar em direção aos carros de polícia, enquanto eu ouvia o grito de um policial:

— Nem pense nisso, Lindalvo! O jogo acabou!

Samuel e eu nos escondemos atrás de um dos carros da polícia. Mas, movidos pela curiosidade típica de nossa idade, levantamos nossas cabeças para espiar. Lindalvo, lentamente, como mandara um policial, pôs a arma no chão e levantou as mãos. Ele e o irmão foram algemados e levados pela polícia.

Apenas um carro policial ficou ali, o carro que estava mais afastado da casa. De dentro dele, vitoriosa, ela saiu.

— Carol! — exclamamos Samuel e eu, ao mesmo tempo.

Ela aproximou-se de nós, com um sorriso satisfeito na cara.

— Então, não vão me agradecer?

— Agradecer por quê? — perguntei.

— Ai, Osvaldo, você é muito lento mesmo.

— Eu vou agradecer — disse Samuel, pegou a mão da Carol e beijou-a.

— Ai, para de babar na minha mão — ela gritou, puxou a mão e limpou-a em sua blusa. E, depois, com aquele ar de quem sabe tudo, explicou: — Quando você me contou, Osvaldo, que o palhaço te ajudaria a se livrar da perseguição do Samuel, fiquei muito preocupada. Vocês meninos são tão ingênuos! Era óbvio que não podia sair coisa boa disso tudo.

— Mas por que não me impediu?

— Ora, Osvaldo, conheço muito bem você. É teimoso feito uma mula.

— Não precisa ofender, né?

— Deixa pra lá. — Carol ficou em silêncio, como se estivesse escolhendo as palavras certas. — Nunca acreditei na bondade daquele palhaço. Meu *feeling*...

— Fi o quê?

— É inglês, Osvaldo. Vi uma personagem de um filme falando isso. Significa “intuição”.

— Então por que não diz “intuição”?

— Ai, Osvaldo, quer parar de me interromper?

— Tá bom! Tá bom! Pode continuar.

— Obrigada — falou Carol, enquanto revirava os olhos. — Minha... *intuição*... dizia que tinha alguma coisa errada. E quando você disse que encontraria o palhaço depois da aula, fiquei muito preocupada, tive certeza de que você tava correndo perigo. Por isso, faltei à aula hoje. Primeiro, procurei os meus pais e falei de minhas suspeitas. Mas você bem sabe como os adultos têm a mania de não levar a gente a sério. Foi o que aconteceu, meus pais sempre dizem que tenho imaginação de mais. O que fiz então? Fui até a polícia, contei toda a história. No início, o delegado reagiu como a maioria dos adultos, não queria me levar a sério. Mas você me conhece, Osvaldo, sabe que sou muito insistente. Então, ele mandou que um policial à paisana...

— Pai-o-quê?

— Ai, meu Deus! Quer me deixar continuar, Osvaldo? “À paisana” é sem uniforme, como se fosse o disfarce do policial.

— Ah, tá bom, desculpa, não nasci sabendo!

Ela continuou:

— Pois então. O policial à paisana seguiu vocês e reconheceu o Lindalvo, que tava sendo procurado, pois é um bandido perigosíssimo. Então, avisou aos outros policiais em que casa vocês tinham entrado. Logo isto aqui tava repleto de carros de polícia.

— E a gente nem ouviu as sirenes!

— Ah, Osvaldo. É claro que, por sugestão minha, o delegado mandou que ninguém ligasse as sirenes. Afinal, eu disse a ele, o palhaço podia fazer você de refém, Osvaldo, pra tentar fugir, se ouvisse a polícia chegar.

— Você é muito esperta, Carol — disse Samuel, com cara de bobo.

Ela ignorou-o e continuou:

— Quando vocês saíram da casa, o delegado já tava preparado pra invadir. Eu tava com muito medo, pois podia acontecer uma tragédia.

Sorri para Carol e agradeci, sinceramente:

— Obrigado, Carol.

Ela sorriu e respondeu:

— Sei que faria o mesmo por mim.

— Faria sim.

Carol deu-me um abraço e depois falou:

— O Lindalvo é um bandido perigoso mesmo, hein?, como a gente pensava. Era procurado pela polícia, por isso vivia fantasiado de palhaço, era o disfarce perfeito. Já cometeu todos os crimes que

você possa imaginar. Devíamos ter procurado a polícia desde o início, Osvaldo, teríamos evitado muitos problemas.

— É, ele queria dar um sumiço em mim — disse eu, e senti um frio na barriga.

A Carol olhou para o Samuel e perguntou:

— E você, Samuel, sabia de toda essa história?

Ele arregalou os olhos e falou:

— Claro que não! Nem sabia que o tio Lindalvo era palhaço. Aliás, só conheci ele quando veio à minha casa um dia desses e, com a ajuda de uns homens, encheu o quarto do meu pai de caixas. Aí meu pai disse que era meu tio, que não se viam fazia um tempão. E a segunda vez que vi o tio Lindalvo foi agora e fiquei surpreso porque o Osvaldo tava com ele, aí não entendi nada do que tava acontecendo.

— O Lindalvo convenceu o dono do circo a vir pra cá porque queria ficar perto do irmão, que o ajudaria a esconder as armas que ele tava traficando — disse Carol. — Mas não existe crime perfeito, não se pode controlar tudo.

— E o que será que vai acontecer com meu pai?

— Não sei, Samuel — disse-lhe Carol. — Mas ele não deve voltar tão cedo.

— Ele não gosta de mim, todo dia me dá uma surra.

— Você não tem mãe? — perguntou-lhe Carol.

Ele fez uma cara triste.

— Ela morreu quando eu tinha cinco anos, nem me lembro mais do rosto dela.

— E quem vai cuidar de você agora?

— Não preciso que cuidem de mim! — exclamou.

Samuel colocou a mão em meu ombro. E, naquele momento, não senti medo dele. De alguma forma, ele estava grato a mim. Do jeito dele, agradeceu-me:

— Você é bichinha, mas é legal.

E, a partir de então, as suas agressões acabaram, definitivamente.

O juizado de menores, hoje chamado de juizado da infância e da juventude, deu autorização a uma vizinha do Samuel para ela cuidar dele até o fim do semestre, quando ele se mudaria para a casa de uma tia (irmã de sua mãe), que morava em outra cidade.

Quando contei a Carol o que acontecera dentro daquela casa enquanto eu estava refém do palhaço, ela falou:

— Então, o Seu Quin-Quin virou mesmo comida de leão.

— É o que parece.

— A gente conta pro Júlio César?

— Melhor não.

Anos depois, o Seu Quin-Quin apareceria, como um cachorrinho, o rabo entre as pernas, e pediria perdão a D. Zezé por tê-la abandonado para viver com outra mulher.

CAI O PANO

E era chegada a hora de mais uma apresentação teatral organizada pela D. Zezé, no final daquele semestre. O título era *Cleópatra, a rainha do Egito*. A ideia fora da insuportável professora de História, que adorava a Cleópatra.

— A mulher mais fascinante de todos os tempos — dizia, o olhar perdido, provavelmente sonhava em ser a própria rainha do Egito.

O Júlio César fora escolhido para fazer o papel de Júlio César. Então, todas as meninas queriam fazer Cleópatra; não porque era o papel principal, mas por causa do Júlio César. As meninas o adoravam; não o personagem, mas o meu amigo.

Eu era o porta-voz do imperador. Ele falava por meio da língua de sinais, e eu traduzia tudo para a Cleópatra. Nós mesmos escrevemos a peça; nós, quero dizer, os alunos do sexto ano das turmas A e B, com a ajuda da D. Zezé e da insuportável professora de História. Aí a gente inventou que o Júlio César havia ficado afônico porque ficara horas e horas recitando poesias para Cleópatra.

Júlio César, o meu amigo, não era mudo, pois surdez não implica em mudez. Mas ele sempre preferia a língua de sinais, tinha vergonha de falar. E D. Zezé sempre respeitava a vontade dele. Se ele não gostava de oralizar, se preferia a língua de sinais, a vontade dele devia ser respeitada.

— Cléo, minha amada! — disse eu, no papel de porta-voz do imperador. — Estou com medo. Tive um sonho prenitório.

— Pre-mo-ni-tó-ri-o — sussurrou D. Zezé, perto do palco.

— Tive um sonho pre-prenitório.

A plateia começou a rir.

— A prenição é um dom dado pelos deuses aos seus escolhidos — disse Carol, ou melhor, Cleópatra, escolhida entre tantas candidatas.

— Pre-mo-ni-ção — sussurrou D. Zezé.

— A pre-prenição é um dom dado pelos deuses aos seus escolhidos — repetiu Carol, com ênfase na voz. E gemeu: — Ai, eu tô nervosa!

Risos!

D. Zezé desistiu de corrigir a gente, e a encenação continuou, entre erros e tropeços.

No final, Samuel, ou melhor, Marco Antônio, falou para Cleópatra:

— Eu trouxe um presente pra você, minha amada Carol.

As pessoas riram.

— Não, Carol não — ele corrigiu. — Minha amada Cleopata.

Lá no fundo, um homem deu uma gargalhada, e ninguém conseguiu se controlar. Até D. Zezé estava rindo. Mas, no palco, os dois atores permaneceram sérios, tensos.

— Então, *trouxérares-me* um presente?

— Sim, um presente pra minha amada Cleopata. Não, Cleopata não, Cleópata, não...

— Cléo, Samuel, Cléo — sussurrou Carol.

— Cléo, Samuel, Cléo — repetiu Samuel.

As pessoas riam sem parar. Uma velhinha começou a tossir de tanto rir. Alguém lhe trouxe um copo de água.

— Respira, minha filha — disse o marido dela.

— Entra com o presente! — gritou Samuel.

Um escravo, interpretado pelo melhor amigo do Samuel, o Chico Vira-Lata, entrou com um cesto na mão, enquanto olhava para a plateia, com um sorriso forçado. Então, olhou para Samuel e falou:

— Aqui está o presente, meu senhor!

Samuel olhou para o público e falou:

— Antes do presente, a rainha do Egito beijará o seu amado Marco Antônio.

— O quê!? — gritou Carol. — Não tem beijo nenhum não. Me dá aqui logo essa droga de presente.

Quando Carol foi pegar o cesto das mãos do escravo, ou melhor, do Chico Vira-Lata, o cesto caiu, e uma cobra de verdade saiu de lá agitada. Em vez de uma cobra falsa, como havia sido combinado, Samuel decidira fazer de seu animal de estimação uma estrela.

Foi uma correria. As pessoas gritavam, corriam, caíam. A pobre velhinha, que parecia tão frágil, deu um empurrão no pai da Ana Paula, um homem de quase dois metros de altura, e correu célere, enquanto o marido dela gritava:

— Minha filha, vem ajudar seu velho, tô com as pernas bambas.

No meio do tumulto, a cobra se arrastava para todos os lados, mais assustada do que todo mundo, enquanto Samuel gritava, desesperado:

— Volta aqui, Carol! Ai, meu Deus, se alguém pisar na Carol, eu mato!

No final das contas, a cobra não sofreu nenhum arranhão e acalmou-se com os carinhos de seu dono.

— Calma, Carolzinha. Não fique assustada. Tô aqui pra te proteger.

Samuel mudou-se para outra cidade, foi morar com sua tia, nunca mais tive notícias dele.

O tempo passou...

Aqueles meninos e meninas não existem mais, ficaram para sempre no passado, transformaram-se em memória, somos adultos agora. Mas ainda temos fragilidades, inseguranças, e alguns de nós ainda não encontraram o seu lugar no mundo.

Atualmente, o Júlio César é professor de Libras; um professor muito amado por seus alunos. Ele continua sendo um grande sedutor. Gosta da liberdade, do namoro sem compromisso.

Carol e ele já namoraram durante muito tempo. E até chegaram a acreditar que seria para sempre. Um dia, porém, Carol decidiu trilhar outros caminhos.

Ela vive hoje nos Estados Unidos, é roteirista e já escreveu muitos filmes americanos de grande sucesso. Aquele filme que começa com um circo pegando fogo e a voz de um palhaço macabro gritando “Eu não descansarei sem minha vingança!”, foi escrito por ela. Ganha muito dinheiro com aqueles clichês que parecem ser muito apreciados por um grande número de pessoas.

Assim como a Carol, eu também gosto de escrever histórias. E resolvi escrever esta, quando, numa noite, vi uma reportagem, na televisão, que falava sobre *bullying* e mostrava comoventes depoimentos de pessoas que haviam sofrido perseguições na infância ou adolescência. As histórias daquelas pessoas, em muitos aspectos, eram parecidas com a minha.

Após assistir à reportagem, decidi remexer no passado. Fui até a gaveta onde guardo as minhas lembranças e tirei de lá as fotografias antigas, para acender minha memória e me inspirar na escrita desta história.

E lá estava aquela fotografia. Meninos e meninas sorridentes; aparentemente, felizes. Mas um deles não sorria. Esse menino era eu. Samuel abraçava-me com força e mostrava um sorriso perverso, enquanto eu tentava não chorar.

Lá estavam aqueles dois meninos, unidos por um abraço sem ternura. Lá estavam aqueles dois solitários meninos: o *bully* e eu.